

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ  
MARIA LUÍZA WÜRZIUS ARICE**

**ESCRITA DE DIÁRIO E SUBJETIVIDADE: ANÁLISE  
DO DISCURSO  
DE ADOLESCENTES SOBRE SEXUALIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade de Taubaté para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada sob a orientação da Professora Doutora Elzira Yoko Uyeno.

**Taubaté  
2008**

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ  
MARIA LUÍZA WÜRZIUS ARICE

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Resultado: \_\_\_\_\_

**Banca examinadora:**

Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo

Universidade Federal de Uberlândia

\_\_\_\_\_

Profa. Dra. Márcia Aparecida Amador Máscia

Universidade de Taubaté

\_\_\_\_\_

Profa. Dra. Elzira Yoko Uyeno

Universidade de Taubaté

\_\_\_\_\_

## A ciência, o sabiá e o divino

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um  
sabiá,

mas não pode medir seus encantos.

A ciência não pode calcular quantos cavalos de força  
existem

nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão de  
adivinhar: divinare

Os sabiás divinam.

Manoel de Barros

## AGRADECIMENTOS

À energia misteriosa, responsável pelo milagre da vida, a quem chamamos de Deus, que permitiu a realização deste trabalho, concedendo coragem e perseverança.

À Elzira Yoko Uyeno, orientadora, professora paciente e analista.

Ao professor Ernesto Sérgio Bertoldo pela contribuição singular na realização desta dissertação.

À professora e amiga Márcia Aparecida Amador Máscia pela dedicação e presteza.

Aos professores do Curso de Mestrado em Lingüística Aplicada da Unitau que, brilhantemente, ministraram suas disciplinas.

À Patrícia Buzzato, à Juliana Roberti, à Márcia Helena e à Luciana Mesquita pelo constante apoio.

À minha mãe, Sybilla, por ter insistido e lutado, em tempos difíceis, para que eu estudasse e, como ela dizia, “fizesse faculdade”, origem de minha trajetória.

À minha madrinha e segunda mãe, Zenaide, pelo carinho e dedicação.

Ao meu marido, Nilton, pela constante compreensão e paciência.

Às minhas alunas por terem colaborado sendo voluntárias como sujeitos pesquisados.

À Prefeitura de São José dos Campos pelo apoio financeiro na concessão da bolsa de estudos.

## DEDICATÓRIA

À minha filha,  
Carline

## RESUMO

O comportamento sexual dos adolescentes tem sido motivo de preocupação freqüente das famílias e das escolas. O grande número de gravidez precoce intriga especialistas, pois nunca se falou tanto em prevenção como nos dias atuais, e mesmo assim, o número de adolescentes grávidas é cada vez maior. O objetivo deste estudo é o de contribuir para as pesquisas no campo da educação, no que diz respeito aos temas transversais dos PCN, especificamente em relação à prevenção da gravidez precoce. Procurar-se-á refletir sobre o pensamento de meninas adolescentes, o que elas pensam sobre namoro e sexo; como os discursos das escolas, dos amigos e da mídia influenciam em suas decisões. Para isso foi solicitado às alunas de oitava série do Ensino Fundamental e primeiro ano do Ensino Médio que se manifestassem por meio da escrita do diário, gênero familiar às meninas e de seu interesse. Foi analisado um corpus constituído desses enunciados, balizando-se pela análise do discurso de linha francesa e pela Psicanálise. A hipótese é de que, apesar das informações, as ocorrências da gravidez precoce se deviam ao fato de as adolescentes serem fortemente marcadas pelo momento sócio-histórico que incita comportamentos pós-modernos de satisfação imediata dos desejos. Resultados preliminares mostram que as adolescentes têm conhecimento sobre métodos de prevenção e revelaram tratarem-se, além de sujeitos do desejo, sujeitos do gozo: sujeitos que não se interditam, não se barram e vão além do princípio do prazer. Muitas garotas vêem como natural a iniciação sexual precoce, denunciando que estão interpeladas pela liberação sexual, provavelmente disseminada pela mídia. As meninas têm um imaginário de que a primeira vez de uma garota deve ser especial, tranqüila, com consciência e com quem se gosta, isto é, manifestam um romantismo inspirado em filmes ou em histórias de amor que nem sempre é real. Observou-se que há uma grande possibilidade de que os discursos sobre orientação sexual não estão repercutindo sobre o sujeito que se revela, neste momento pós-moderno, como sujeito do desejo e sujeito do gozo. As garotas parecem não estarem internalizando esses dizeres e, numa situação que favoreça a iniciação sexual, elas estão vulneráveis, entre outros, à gravidez precoce. Para além da hipótese inicial, a análise permitiu a revelação de duas categorias de sujeito pós-moderno: sujeito do desejo, que metaforiza e sabe adiar; sujeito do gozo que se oferece como objeto pulsional do gozo do outro e ignora os riscos que podem acarretar na morte do sujeito psíquico.

Palavras-chave: adolescentes, diário, análise do discurso, psicanálise, sujeito do desejo, sujeito do gozo.

## ABSTRACT

The sexual behavior of adolescents has been a frequent concern of the families and schools. The large number of early pregnancy intrigue specialists, as one never spoke both in prevention as nowadays, and even then, the number of pregnant teenagers is increasing. The objective of this study is to contribute to research in the field of education, with regard to cross-cutting themes of the NCP, specifically in relation to the prevention of early pregnancy. Search will reflect on the thinking of adolescent girls, what they think about dating and sex; as the speeches of the schools, friends and the media's influence on their decisions. To do this, students were asked to eighth set of elementary school and first year of high school which show through the writing of the diary, gender familiar to girls and their interest. It was considered a corpus consists of those listed, supporting up by the analysis of the speech line by the French and Psychoanalysis. The hypothesis is that, despite the information, the occurrence of early pregnancy were due to the fact that adolescents are heavily marked by socio-historical moment that encourages behavior post-modern immediate satisfaction of desires. Preliminary results show that the teenagers know about methods to prevent and treat showed up, and subject of desire, enjoyment of the subject: that is not subject interdicting, not prevent and go beyond the principle of pleasure. Many girls see as a natural early sexual initiation, which are reporting questioned by sexual liberation, probably spread by the media. The girls have imagined that the first time a girl should be special, quiet, with conscience and with whom it is like, that is, show a romanticism inspired by movies or stories of love that is not always true. It was observed that there is a great possibility that the discourses on sexual orientation are not passed on the subject that it is, now post-modern, as subject of desire and enjoyment of the subject. The girls appear to be internalising these words, a situation that encourages sexual initiation, they are vulnerable, among others, to early pregnancy. Beyond the initial hypothesis, the analysis allowed the revelation of two categories are subject post-modern: subject of desire, and knows that metaforiza postpone; subject of enjoyment which offers a subject pulse of enjoyment of others and ignores the risks that can lead in the death of the subject psychic.

Keywords: adolescents, daily, analysis of speech, psychoanalysis, subject of desire, enjoyment of the subject.

## SUMÁRIO

### RESUMO

### ABSTRACT

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	07
-------------------------	----

### PARTE I

<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	12
------------------------------------	----

#### **Capítulo 1 Sexualidade e poder**

1 Da sexualidade e das relações de poder-saber à origem da escola .....	12
---	----

1.1 Controle da sexualidade .....	12
-----------------------------------	----

1.2 Controle da disciplina .....	22
----------------------------------	----

#### **Capítulo 2 Análise do discurso**

2.1 Percurso histórico .....	26
------------------------------	----

2.2 Análise do Discurso de perspectiva francesa .....	29
---	----

2.3 Análise do discurso e Psicanálise .....	36
---	----

#### **Capítulo 3 Sujeito**

3.1 Constituição do sujeito lacaniano.....	42
--	----

3.1.1 Alienação .....	46
-----------------------	----

3.1.2 Separação .....	48
-----------------------	----

3.1.3 Vel da alienação .....	49
------------------------------	----

3.2 Sujeito do desejo .....	50
-----------------------------	----

3.3 Sujeito do gozo .....	53
---------------------------	----

3.4 Sujeito psicanalítico na pós-modernidade .....	57
--	----

**PARTE II**

<b>ANÁLISE DE CORPUS</b> .....	61
<b>Capítulo 1 Condições de produção</b> .....	62
1.1 Condição sócio-histórica de produção do discurso .....	62
1.1.1 O discurso da mídia sobre a sexualidade .....	63
1.1.2 Discurso da escola .....	68
1.2 Situação imediata de produção do discurso .....	72
1.2.1 Os sujeitos de pesquisa .....	72
1.2.2 O material de pesquisa .....	74
1.2.3 O diário e a escrita de si .....	75
1.2.4 O diário e a difusão do intimismo .....	78
1.2.5 O diário e a adolescência .....	81
<b>Capítulo 2 Análise do corpus propriamente dita</b> .....	85
2.1 Efeitos de sentido de afetividade e de sexualidade .....	85
2.2 Diário e sujeitos do desejo .....	86
2.3 Diários e sujeitos do gozo .....	99
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	111
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	114

## INTRODUÇÃO

Nossa realidade é marcada pelo tema da sexualidade, já que está exposta em revistas, na televisão, nas imagens comerciais em *outdoors*, na internet, no cinema, nas músicas, nas conversas na sala de aula. A orientação sobre educação sexual tem sido inserida nas escolas como educação informativa e preventiva, visto que a gravidez precoce e as doenças sexualmente transmissíveis são consideradas questões de saúde pública fundamentais, e a família não tem dado conta de tratar de tão complexo assunto. O tema foi transformado em discurso para ser melhor administrado num momento em que a sexualidade é barrada e, ao mesmo tempo, instigada. Orientação Sexual é um dos temas que constituem os PCN Temas Transversais, segundo o qual se busca considerar a sexualidade como aspecto inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte. Como material de apoio, a abordagem dos PCN sobre esse tema orienta sobre a postura do educador e da escola ao tratar desse assunto que inclui, além de outras questões, a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DST), entre as quais a Síndrome da Deficiência Imunológica (AIDS) e da gravidez precoce. A partir da publicação desse documento, exigiu-se maior empenho dos educadores no trato de questões da sexualidade.

Observa-se na escola o desenvolvimento das manifestações sexuais nos alunos. Lesourd (2004) afirma que todo encontro na adolescência deve ser compreendido como um encontro voltado para si mesmo. Em suas próprias e insubstituíveis palavras, esse encontro se processa, segundo estes dizeres: “Eu me encontro em ti, ‘eu me descubro no que vejo no teu olhar’, diz todo namorado; ‘Eu me torno bela sob o teu olhar, para ti; é teu olhar que me embeleza’, diz a bela, ... ”(LESOURD, 2004, p. 242.)

Para o autor, o encontro amoroso que sempre comporta essa parte de narcisismo levanta o problema do risco. Não o risco real consciente de engravidar ou de ser contaminado por algum tipo de vírus, mas o risco inconsciente de não ser reconhecido pelo outro, de não ser amável nos olhos do outro. E, se é assim, um encontro amoroso para encontrar-se no outro, um desejo de reconhecimento pelo outro, há uma recusa em ver o perigo. Por um lado porque alguém que se ama não pode ser perigoso, daí o abandono da proteção, por outro lado porque reconhecer o outro como potencialmente perigoso é, também, reconhecer a si próprio como perigoso para o outro e assumir o risco de não mais ser amável.

Ainda há de se considerar uma sociedade pós-moderna em que a sexualidade é divulgada e vendida como bem de consumo, uma sociedade que incita à satisfação instantânea de seus desejos ultrapassando os limites do prazer. São essas as percepções que povoavam meu cotidiano de professora de Língua Portuguesa da rede pública de ensino.

Tendo tecido considerações sobre o contexto em que se insere o presente estudo, faz-se necessário explicitar a motivação mais específica que suscitou a delimitação do tema. Em razão de uma percepção da ocorrência de casos de gravidez precoce na escola em que atuava nesse momento, o problema que se estabeleceu foi o de que, apesar das orientações sobre a prevenção realizadas pela escola, ocorriam casos de gravidez indesejada.

A motivação em pesquisar sobre esse assunto se consolidou durante o desenvolvimento de projeto sobre sexualidade. Nessa escola, atuando como professora de Língua Portuguesa, diante da frase “Amar sem medo na era da AIDS”, em um folder distribuído aos alunos, a hipótese que me ocorreu foi de que as alunas engravidavam porque liam equivocadamente os fôlderes.

Em uma pesquisa, apenas para efeito de monografia para a disciplina “Análise do Discurso, composição de corpus e procedimento de análise”, direcionada por essa hipótese,

solicitei às alunas de 8ª série a leitura do referido folder. Essa pesquisa não confirmou a hipótese da qual partira de que elas procediam a uma leitura equivocada.

Mais tarde, em 2006, observei que a sexualidade na adolescência estava sendo amplamente discutida, contemplando a gravidez precoce como centro de atenção, como se passa a expor.

Em vinte de agosto de 2006, no Jornal Valeparaibano, de edição regional, com ênfase na cidade em que se coletaram os dados de pesquisa, uma reportagem abordava a gravidez precoce, informando que houvera uma queda regional de 33% no período de 98 a 2005, índice superior a média do Estado de 29%. Segundo o jornal, citando como fonte a Secretaria de Estado da Saúde, os índices seriam, precisamente, estes:

ÍNDICE DE GRAVIDEZ PRECOCE Comparação de 1998 a 2005		
Período	Vale do Paraíba	Estado de São Paulo
1998	8.459	148.019
2005	5.699	105.003
Redução	33%	29%

Diante da comprovação estatística de que a região do estado em que atuo apresentava um índice de queda dos casos de gravidez precoce, da percepção de manutenção se não aumento desses casos na unidade escolar a que estava profissionalmente ligada e da não confirmação da hipótese de que as alunas dessa unidade liam equivocadamente os fôlderes destinados à prevenção desse problema social, ratificou-se minha determinação em continuar a pesquisa.

Desde 2005, observando esse quadro e os dizeres das alunas, percebi que o problema se tornou mais evidente em uma escola municipal em que atuo, atualmente, nas oitavas séries.

Essa escola que se localiza no Campo dos Alemães, na zona sul de São José dos Campos, apresenta um histórico de violência como será mais detalhadamente descrito nas situações imediatas de produção do discurso desta dissertação.

As alunas dessa unidade escolar, já na sétima série, tiveram acesso a informações relativas à prevenção da gestação na adolescência, entre outros temas da sexualidade; entretanto, para continuação de minha preocupação, ainda ocorreram casos de gravidez precoce.

Estabelecido o problema como ocorrências de casos de gravidez precoce, apesar das informações sobre seus riscos, levantou-se a hipótese de que suas ocorrências se deviam ao fato de as adolescentes serem fortemente marcadas pelo momento sócio-histórico que incita comportamentos pós-modernos de satisfação imediata dos desejos. Há de se considerar ainda a perspectiva de que os sujeitos e as instituições não estão conseguindo lidar com essa situação.

Estabelecida a hipótese de partida, o objetivo geral desta dissertação é o de contribuir para as pesquisas no campo da educação, no que diz respeito aos temas transversais dos PCN, especificamente em relação à prevenção da gravidez precoce.

Norteando-se pela Análise do Discurso de perspectiva francesa e por conceitos da Psicanálise lacaniana que se fizerem necessários, estabelecem-se os objetivos específicos, quais sejam: 1) rastrear, na materialidade lingüística dos discursos de alunas da oitava série (hoje denominada nono ano) do nível de ensino fundamental e do primeiro ano do nível de ensino médio, indícios de que, determinadas pelo momento sócio-histórico pós-moderno, algumas adolescentes satisfazem seus desejos imediatamente; 2) propor o desenvolvimento de diários, cuja economia de ordem foucaultiana é de poder se constituir uma escrita de si.

A pergunta norteadora da pesquisa constituiu: 1) Qual é/ Quais são o(os) efeitos de sentido de sexualidade para as alunas pesquisadas? ; 2) Quais são os efeitos, nas alunas, da proposição da escrita de diários?

O corpus de pesquisa será constituído de excertos recortados de diários redigidos por alunas da oitava série do nível de ensino fundamental e do primeiro ano do nível de ensino médio.

Para melhor direcionar a leitura, esta dissertação organiza-se em duas partes. Na primeira parte apresentam-se os pressupostos teóricos que sustentam a análise do corpus e, numa segunda parte, a análise do corpus de pesquisa.

## **PARTE I**

### **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

#### **Capítulo 1 Sexualidade e Poder**

Objetivando propor reflexões sobre a sexualidade, constitui-se este capítulo, fazendo uma abordagem de momentos históricos e do desenvolvimento de mecanismos de controle. Para isso, tomou-se como referência principal os textos de Michel Foucault que fez desse assunto um dos mais importantes objetos de seus estudos.

#### **1 Da sexualidade e das relações de poder-saber à origem da escola**

##### **1.1 Controle da sexualidade**

Sexualidade é um tema habitual nos discursos, no dia-a-dia: na mídia, na escola, nos bate-papos, nas leituras, nos cursos. É difícil o dia em que, pelo menos uma vez, algum aspecto sobre esse assunto não entre em alguma atividade do cotidiano das pessoas. É motivo de curiosidade e, ao mesmo tempo, de inibição; é assunto complexo e controverso; é aspecto inerente ao ser humano e o constitui; trata-se de assunto constante e ininterrupto, objeto de

estudo em várias áreas. Todavia, há o seu controle: o sexo é observado, é comentado, é estudado, é julgado. Parece haver uma necessidade permanente de se falar ou se saber sobre o sexo.

Michel Foucault (2005), que fez da sexualidade um dos mais importantes objetos de seus estudos, já falara, certa vez: “Convém, portanto, perguntar, antes de mais nada: que injunção é essa? Por que essa grande caça à verdade do sexo, à verdade no sexo?” (FOUCAULT, 2005, pg. 77)

Uma reflexão sobre confissão íntima pode sugerir algumas respostas: curiosidade, desejo de saber; necessidade de investigar; o sexo fascina, instiga, desperta sensações.

De acordo com Foucault, vive-se, há muitos anos, uma imensa curiosidade pelo sexo, sendo essencial tirar dele não somente o prazer, mas o saber sobre ele, sobre o outro e sobre nós mesmos. Diz o autor que é como se o sexo fosse um animal extravagante com extraordinárias e curiosas características, um ser extremamente sábio e capaz de manifestar sua sabedoria, desde que solicitada com habilidade. Interessante e oportuno, aqui, é resgatar um pouco da história da sexualidade, percorrendo os estudos desse autor.

Em seu livro *História da Sexualidade 1* (1988), Foucault expõe o que chama de “hipótese repressiva” da sexualidade, segundo a qual, a partir do século XVII e, coincidindo com o desenvolvimento do capitalismo, iniciou-se uma época de repressão aos assuntos relativos ao sexo. Após centenas de anos de arejamento e de expressão livre, passou-se a coibir gestos, discursos, atitudes que poderiam ser consideradas uma ameaça à decência ou à exploração da força de trabalho. Os assuntos relacionados ao sexo passaram a ser considerados imorais para serem falados em público. A sexualidade ficou restrita ao quarto conjugal e com a exclusiva missão da reprodução. O que passava disso era considerado sexo ilegítimo, tolerado somente nos *rendez-vous* e nas casas de saúde onde as palavras e os gestos estariam autorizados, em surdina, com propósitos lucrativos. O sexo das crianças foi

interditado; elas foram impedidas de manifestá-lo ou de expressá-lo; elas foram silenciadas e consideradas sem sexo, e este, assunto proibido a elas.

Até então, as crianças conviviam livremente entre os adultos e as manifestações de sua sexualidade eram consideradas naturais. Comparando-se três épocas, antes do século XVII, século XIX e hoje, no que diz respeito ao sexo da criança e do adolescente, pergunta-se: será que as regras repressivas realmente calaram o sexo da criança ou apenas o camuflaram? Talvez seja um equívoco refletir com espanto sobre o comportamento sexual do jovem de hoje; não seria possível que esse comportamento tenha sido sempre e naturalmente assim?

Nessa época de repressão em que o sexo fora reprimido, silenciado e o vocabulário, depurado, as regras da decência tornaram-se mais rigorosas, às diversas relações - entre pais e filhos, educadores e alunos, por exemplo - impôs-se maior discrição ao se falar do assunto; surgiram novos pudores. O autor, porém, explica que essa repressão ao sexo ocorreu no âmbito familiar, escolar e no ambiente de trabalho, porque, nas instâncias do poder, os discursos multiplicaram-se: houve uma verdadeira proliferação dos assuntos sobre o sexo. Para controlar a vida sexual das pessoas, os discursos não pararam de crescer. Durante a confissão, era feito um exame minucioso do ato sexual; havia uma insistência no que se referia à discrição e à pureza. Por meio desse mecanismo de controle, o sexo das pessoas era perseguido; eram extraídas as mais íntimas confissões e sensações sob a ordem de que *‘tudo deve ser dito’*; pensamentos, ações, palavras, desejos, tudo devia ser examinado e confessado; havia uma insistência no que se referia à discrição e à pureza. Enfim, o comportamento sexual da população passava a ser objeto de controle, análise e intervenção. Foucault (2005) também faz referência à literatura; os termos dos tratados espirituais que orientavam a confissão de toda particularidade passam a fazer parte de uma literatura escandalosa. Cita, como exemplos, Sade que dizia ser necessário, na narrativa, o mais extenso detalhamento e o autor anônimo de *My Secret Life*, no fim do século XIX, que, para Foucault, fora um notável representante de

uma exigência de falar do sexo: “Eu conto os fatos como se produziram, tanto quanto posso lembrar-me deles; é só o que posso fazer”; “uma vida secreta não deve apresentar nenhuma omissão; não existe nada de que se deva ter vergonha..., nunca se pode conhecer demais a natureza humana” (autor anônimo, apud FOUCAULT, 2005, pg. 25). Para Foucault, esse autor, em cumplicidade com a pastoral cristã, serve como figura central na história de uma sexualidade moderna. Distintas, porém, eram suas manifestações. Enquanto a pastoral cristã colocava o sexo em discurso, com a finalidade de domínio e de retorno a Deus, o autor sem identidade e Sade o mencionavam, exclusivamente, como prazer individual. Assim, percebe-se que, a partir dessa época, produziram-se, cada vez mais, discursos sobre o sexo. Já no século XVIII, havia uma incitação a se falar desse que passou a ser o foco dos discursos. Política e economicamente, tornou-se necessário falar do sexo. “Cumprir falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. Sexo não se julga apenas; administra-se” (FOUCAULT, 2005, pg. 27). Nessa época, pretendia-se fortalecer o Estado, e percebeu-se, na faculdade do sexo do indivíduo, um instrumento para satisfazer e contentar uma população que crescia em razão da produção, do sistema econômico do estado. Considerado assim, o sexo passou a ser regulado por meio de discursos úteis e produtivos e não pelo rigor da proibição, passou a ser policiado em seus diversos aspectos: natalidade, idade do casamento, precocidade e frequência das relações sexuais, fecundidade, esterilidade, celibato, práticas contraceptivas. Segundo Foucault, há muito, acreditava-se que um país deveria ser povoado, se quisesse ser rico e poderoso, todavia era a primeira vez que uma sociedade afirmava que seu futuro e sua fortuna estariam ligados à maneira como cada indivíduo usa seu sexo. A conduta sexual da população passou, então, a ser alvo estratégico do poder: “Que o Estado saiba o que se passa com o sexo dos cidadãos e o

uso que dele fazem e, também, que cada um seja capaz de controlar sua prática” passou a constituir a nova ordem (FOUCAULT, 2005, pg.29).

Foucault ainda esclarece sobre a sexualidade da criança e do adolescente, o que, aqui, interessa particularmente para elucidar esse estudo. Ele conta que, na época clássica, houve uma ocultação do sexo infantil, desaparecera a antiga liberdade de linguagem entre crianças e adultos ou alunos e professores. Contudo, o silêncio não fora absoluto; falava-se de outra maneira, com outros objetivos e sob controle: exigia-se discricção, determinava-se quem poderia e quem não poderia falar, qual discurso seria considerado lícito e qual seria ilícito.

Nesse ponto de seu estudo, o autor faz uma interrupção para esclarecer como era a rotina nas escolas no século XVIII, pois, com isso, ele elucidava sobre como era abordada a sexualidade nos colégios já naquela época. Para melhor informar, ele expõe sobre a organização escolar da época, falando que, se julgado pelas aparências, concluía-se que, nos colégios, praticamente não se falava em sexo. Ele alerta, porém, que, pela observação dos dispositivos arquitetônicos, para os regulamentos de disciplina e por toda organização interior da escola, era possível detectar aspectos que denunciavam que ali se falava continuamente de sexo. Tudo era propositadamente arquitetado, visando à observação e ao controle da sexualidade do colegial; a organização do espaço escolar – as salas de aula, as mesas, os pátios, os dormitórios, regulamentos de vigilância, horários, os discursos internos da instituição, tudo era minuciosamente articulado com vista à sexualidade, uma sexualidade constatada, precoce, ativa, permanente.

Foucault também informa sobre os procedimentos tomados pela Escola para tratar de tão importante assunto:

o sexo do colegial passa a ser, no decorrer do século XVIII – e mais particularmente do que o dos adolescentes em geral – um problema público. Os médicos se dirigem aos diretores dos estabelecimentos e aos professores, também dão conselhos às famílias; os pedagogos fazem projetos e os submetem às autoridades; os professores se voltam para os alunos, fazem-lhes recomendações e para eles redigem livros de exortação, cheios de conselhos médicos e de exemplos edificantes. Toda uma literatura de preceitos, pareceres, observações, advertências médicas, casos clínicos, esquemas de reforma e planos de instituições ideais, prolifera em torno do colegial e de seu sexo (História da Sexualidade 1, 2005. p. 30-31).

Ainda hoje, embora sob rigor menor, a orientação sobre educação sexual tem sido inserida nas escolas como educação informativa e preventiva; a gravidez precoce e as doenças sexualmente transmissíveis são, atualmente, consideradas questões de saúde pública fundamentais.

Percebem-se visíveis semelhanças com o momento atual. Que professor já não fez ou participou de projetos sobre sexualidade? Já não trabalhou textos - ou os colocou na 'lousa' - cheios de informações, conselhos, exemplos, advertências? Que escola já não viabilizou palestras com profissionais da saúde? Que adolescente já não recebeu cartilhas ou qualquer outro tipo de material informativo sobre sexualidade? Que profissional da educação não está ciente do discurso institucional interno divulgado nos PCN Temas Transversais, no qual a sexualidade do estudante está inserida?

Foucault afirma que seria inexato dizer que a instituição pedagógica impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes. Pelo contrário, a partir do século XVIII, o discurso pedagógico concentrou-se nesse tema: a pedagogia organizou conteúdos, qualificou profissionais, definiu estratégias para que falassem disso os educadores, os médicos, os pais, os alunos. De acordo com o autor, desde então, o sexo não cessou de ser objeto de saber e de poder: desde as confissões mais íntimas de cada indivíduo, até os discursos mais sábios da medicina, da psicanálise, da economia, da justiça e da pedagogia o tematizaram; discursos que advertem, protegem, controlam, manifestam perigo e, ao mesmo tempo, incitam a se falar de sexo.

Um exemplo dessa manifestação intensa dos discursos está na sexualidade conjugal: a fecundidade ou os métodos contraceptivos, as épocas consideradas perigosas (gravidez e amamentação), as épocas proibidas (quaresma ou abstinências), a fertilidade, a reprodução, a frequência com que era praticado, as carícias, o dever conjugal, o adultério, enfim, toda prática sexual do casal era rastreada e sobrecarregada de regras e recomendações. Outro

exemplo está na sexualidade das crianças cujos discursos tinham a finalidade de controle, vigilância e correção. A sexualidade infantil fora perseguida: médicos, pais e pedagogos combateram o onanismo, obrigaram as crianças a esconder seu sexo, tornaram-no perigoso, pecaminoso e proibido; pais e educadores deviam estar sempre alertas a qualquer manifestação suspeita desse mal a ser combatido. O discurso era vasto em torno da fiscalização e do combate ao sexo infantil.

Poder-se-iam citar outros prolixos discursos dos séculos XIX e XX - homossexualidade, sodomia, estupro, adultério, incesto e outros comportamentos errantes-, representativos do poder que se apodera do corpo sexual. Segundo Foucault, quanto mais manifesto e fiscalizador, mais intenso e atuante se torna o poder, tomando a seu cargo a sexualidade; o poder ganha impulso pelo seu próprio exercício. Na Psiquiatria, na Medicina, na Pedagogia e, na família, são desenvolvidos mecanismos (exames, relatórios), para investigar e controlar o sexo, que funcionam com ferramentas de incitação ao prazer e ao poder.

Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e, por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou de resistir. Captação e sedução; confronto e reforço recíprocos: pais e filhos, adulto e adolescente, educador e alunos, médico e doente, e o psiquiatra com sua histórica e seus perversos, não cessaram de desempenhar esse papel desde o século XIX. Tais apelos, esquivas, incitações circulares não organizaram, em torno dos sexos e dos corpos, fronteiras a não serem ultrapassadas, e sim, as *perpétuas espirais* de poder e prazer (FOUCAULT, 2005, p. 45).

Na família, constituiu-se, também, uma rede de prazeres-poderes: sexo do casal heterossexual; vigilância intensa sobre o sexo das crianças; a separação entre adultos e crianças, entre meninos e meninas viabilizada pela reorganização do espaço familiar com os novos projetos das habitações populares; importância à puberdade; o hábito supostamente perigoso da masturbação sob vigilância constante. Tudo isso era instituído ao lado das não

menos intencionais articulações dentro das instituições escolares ou psiquiátricas, tudo era parte de uma intrincada rede em que o jogo do poder e do prazer era distribuído. Sob o poder que extorque o prazer nas suas várias facetas, comportamentos polimorfos foram extraídos do corpo dos homens e, ao mesmo tempo consolidados nele; investigaram-se, minuciosamente, as sexualidades múltiplas – sexualidades classificadas de acordo com a idade (do lactente, da criança, do adolescente), de acordo com gostos (gerontófilo, pedófilo) ou com práticas (homossexual, fetichista), de acordo com o espaço (lar, escola, prisão). Assim, segundo Foucault, as relações do poder com o sexo se ramificam e multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas. O poder intervém em cada uma dessas sexualidades; o discurso prolifera juntamente com elas. Relacionados a essa proliferação das sexualidades múltiplas e à majoração do poder, estão os lucros econômicos vinculados à medicina, pornografia, prostituição, psiquiatria que, assim, garantem a espiral em que prazer e poder se reforçam e a hipocrisia da sociedade moderna se mantém.

Entretanto, até Freud, de acordo com Foucault (2005), todo discurso sobre o sexo – o discurso dos cientistas e dos teóricos - teria simplesmente ocultado o que dele se falava. Todas as precauções meticulosas e análises detalhadas seriam procedimentos destinados a ocultar a verdade insuportável e excessivamente perigosa sobre o sexo. O autor fala que a ciência, com relação ao sexo, era subordinada à moral e, com o pretexto de dizer a verdade, provocava medos; sua prática estava antes a favor da lei e da opinião dominante do que da verdade; mentirosa, a medicina era cúmplice do que denunciava; o sexo, ao longo do século XIX, compreendia a biologia da reprodução que se desenvolvia e evoluía como ciência, manifestando uma vontade de saber e, por outro lado, a medicina do sexo, submissa, obediente a regras de origens diversas – morais, econômicas, políticas - , estagnada, manifestando uma vontade de não saber; era uma ciência que se recusava admitir o que ela

própria fazia aparecer. À verdade era barrado o acesso, era mascarada, isto é, produziu-se um imenso aparelho para produzir a verdade, para, então, mascará-la.

O autor diz que o sexo, nessa época, não foi somente objeto de sensação e de prazer, de lei ou de interdição, mas também de verdade e falsidade; ele afirma que a verdade do sexo tornou-se coisa essencial, útil ou perigosa, preciosa ou temida. Por meio de um discurso que defendia uma falsa verdade, e da qual não estamos ainda liberados, o saber sexual foi extraviado.

A verdade do sexo a que o autor se refere, poderia ser produzida por meio de dois grandes procedimentos: 1- *ars erótica*, uma arte erótica das sociedades orientais, para a qual o que interessava era o próprio prazer e, dessa experiência, extraía-se a verdade; 2- *scientia sexualis*, procedimento praticado pelas sociedades ocidentais que utiliza a confissão para a produção da verdade sobre o sexo. A partir da regulamentação do sacramento da confissão pelo Concílio de Latrão, em 1215, fora dado à confissão um papel central na ordem dos poderes civis e religiosos.

Com a prática da *scientia sexualis*, o Ocidente submeteu gerações à obra da confissão, na qual a matéria privilegiada era o sexo; para produzir a sujeição dos homens, ela está tão incorporada a nossa sociedade que nem a vemos como instrumento do poder que coage, um poder que, por meio da confissão, relaciona verdade e sexo pela expressão obrigatória e exaustiva de um segredo individual que é utilizado para constituição do sujeito controlado; é por meio dela e com ela que a instância que a requer exerce o poder sobre o indivíduo.

Entretanto, Foucault demonstra que é falso definir o poder como algo que diz não, que impõe limites, que castiga.

Há uma concepção negativa, que identifica o poder com o Estado e o considera essencialmente como aparelho repressivo, no sentido em que seu modo básico de intervenção sobre os cidadãos se daria em forma de violência, coerção, opressão, ele opõe, ou acrescenta, uma concepção positiva que pretende dissociar os termos dominação e repressão (MACHADO, 2006, pg. XV).

Ele diz que é preciso parar de ver e analisar o poder sempre em termos negativos uma vez que, sob a sua visão, o poder possui um lado eficaz produtivo; ele é necessário, tem como alvo o corpo humano para adestrá-lo e aprimorá-lo.

Foucault nos alerta para o fato de que não se consegue explicar o poder somente pelo seu lado repressivo. O poder não tem a intenção de excluir o homem da sociedade; seu objetivo maior é econômico e político: ele age de acordo com estratégias de controle do indivíduo, administrando sua vida, explorando sua potencialidade com a finalidade de obter o máximo de produtividade e, ao mesmo tempo, controlando suas capacidades de revolta e resistência. Essa forma de exercício de poder torna o corpo do indivíduo útil e obediente, disciplina-o, ou seja, aumenta a força econômica e diminui a força política do homem.

Entretanto é bom ressaltar aqui, que essa análise de Foucault sobre o poder, não deve ser atribuída indistintamente a qualquer objeto, pois se referia a um tipo específico de poder. Referia-se a uma tecnologia de controle utilizada pelo poder, para controlar o indivíduo não só nas prisões, como também nos hospitais, no exército, na escola, na fábrica. A esse dispositivo de poder, Foucault chamou de *disciplina ou poder disciplinar*.

Ela é uma técnica, um dispositivo, um mecanismo, um instrumento de poder, são “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade...” É o diagrama de um poder que não atua no exterior, mas trabalha o corpo dos homens, manipula seus elementos, produz seu comportamento, enfim, fabrica o tipo de homem necessário ao funcionamento e manutenção da sociedade industrial, capitalista (MACHADO, 2006, pg. XVII)

Essa biopolítica, ou governo do corpo vivo estendeu-se de forma capilar em toda sociedade.

## 1.2 Controle da disciplina

Para melhor esclarecer sobre esse assunto, e para conhecer a origem da escola, é oportuna a referência a outra obra de Michel Foucault, *Vigiar e Punir*, que tão detalhada e precisamente explica a vida nos quartéis e, a partir daí, a origem da organização escolar e suas intenções.

Como já afirmado, se a riqueza e o destino de um país estão ligados à prática sexual de seu povo, concluiu-se que o corpo do indivíduo deveria ser considerado objeto e alvo do poder e, para isso, o corpo deveria ser disciplinado, útil e inteligível. Processos disciplinares já existiam em conventos, no exército, nas oficinas; nos séculos XVII e XVIII, porém, a disciplina tornou-se fórmula geral de dominação com o fim principal do domínio de cada um sobre seu próprio corpo. Forma-se, nesse momento, uma política de coerção que atua calculadamente sobre o corpo e manipula seus elementos, gestos e comportamentos: nasce a arte do corpo humano; é o momento histórico das disciplinas. Foucault detalha bem esse processo, explicando que o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, desarticula-o e o recompõe: constituiria uma ‘anatomia política’, que é também uma ‘mecânica do poder’. Essa mecânica define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, para que ajam convenientemente como se determina, para que sejam úteis e eficazes. A disciplina fabrica, assim, corpos submissos e exercitados: corpos dóceis. “A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)” (FOUCAULT, 2005, pg.119). Essa anatomia política, como Foucault chama, seria entendida como uma multiplicidade de mínimos processos agindo de diferentes maneiras, com diferentes objetivos de acordo com seu campo de aplicação. Entende-se esse processo como técnicas minuciosas que definem o modo de

investimento político e detalhamento do corpo – uma microfísica do poder – e que não cessaram de ganhar espaço; estavam presentes nas diversas instituições das quais o homem dependia.

Para melhor expor o poder disciplinar nessas instituições, Foucault se refere ao modelo Panóptico, sistema prisional idealizado pelo filósofo inglês Jeremy Bentham (1748-1832): celas individuais dispostas em forma de círculo, a parte frontal voltada para o interior do prédio onde havia uma torre com janelas de vidro, celas, cujos fundos eram voltados para o exterior de modo a permitir a entrada de luz suficiente para que o ocupante da cela fosse visto. Bastava, então, um vigia na torre e, em cada cela, um indivíduo, que poderia ser um prisioneiro, um aluno, um louco, um doente, um militar, de acordo com a instituição onde o modelo panóptico era adotado.

Segundo Foucault, há a possibilidade, não confirmada, de que Bentham tenha se inspirado no modelo de um zoológico de Versalhes, como ele relata:

encontramos no modelo do Panóptico a preocupação análoga da observação individualizante, da caracterização e da classificação, da organização analítica da espécie. O Panóptico é um zoológico real; o animal é substituído pelo homem, a distribuição individual pelo agrupamento específico e o rei pela maquinaria de um poder furtivo. Fora essa diferença, o Panóptico, também faz um trabalho de naturalista. Permite estabelecer as diferenças: nos doentes, observar os sintomas de cada um, sem que a proximidade dos leitos, a circulação dos miasmas, os efeitos do contágio misturem os quadros clínicos; *nas crianças, anotar os desempenhos (sem que aja limitação ou cópia), perceber as aptidões, apreciar os caracteres, estabelecer classificações rigorosas e, em relação a uma evolução normal, distinguir o que é “preguiça e teimosia” do que é “imbecilidade incurável”*; nos operários, anotar as aptidões de cada um, comparar o tempo que levam para fazer um serviço, e, se são pagos por dia, calcular seu salário em vista disso (FOUCAULT, 2005, pg. 168).

O modelo Panóptico também possibilitava, segundo o autor, fazer experiências médicas e pedagógicas, observar, controlar e modificar comportamentos, ensinar, simultaneamente, alunos e operários; decidir qual era a melhor técnica, qual o medicamento mais eficaz. Enfim, esse sistema permitia fazer experiências com homens e os disciplinava.

Foucault (2005) cita as características básicas da disciplina: *controle do tempo*, organização do indivíduo e de seus atos no tempo, visando o máximo de eficácia e rapidez, porque “é proibido perder um tempo que é contado por Deus e pago pelos homens”(FOUCAULT, 2005, pg. 131); a organização do tempo em séries, nos quartéis e nas escolas, permite um acompanhamento mais eficaz dos soldados e dos alunos; *distribuição dos indivíduos no espaço*, organiza os corpos em um espaço fechado específico, classificatório e hierarquizado (colégios e quartéis); *dispositivo da vigilância*, instrumento de controle, poder visível e inverificável, poder que induzia, no indivíduo, a sensação do ser vigiado permanentemente pelo olhar invisível como o do Panóptico – (hospitais, escolas, quartéis, fábricas); *registro do conhecimento*, no século XVIII. A relação saber-poder, segundo o autor, reforçou-se regularmente num processo circular. Hospitais, escolas, oficinas foram ordenados pelas disciplinas, de modo que passaram a representar aparelhos de sujeição do indivíduo, locais onde as relações de poder, por meio do controle, da observação, do registro, instrumentos do olhar disciplinador, extraem o saber e o transferem hierarquicamente às instâncias mais altas do poder. Assim, formaram-se a medicina clínica, a psiquiatria, a psicologia da criança, a psicopedagogia, a racionalização do trabalho.

Pensando na educação, atualmente, e nas informações fornecidas pelos estudos de Michel Foucault, entende-se melhor a organização física e pedagógica das escolas nas quais educadores e alunos atuam hoje, em pleno século XXI: a disposição das salas, a seriação, a hierarquia, os mecanismos de controle – horários, avaliações pedagógicas, avaliações administrativas, avaliações que investigam a vida do aluno e dos educadores etc. Educa-se numa escola marcada, desde o século XVIII, por mecanismos de poder e de saber que vigiam e controlam.

Observa-se, no entanto, que, atualmente, há uma forte resistência a esse tipo de controle disciplinar. Se os séculos XVII e XVIII, como já dito, representaram o momento

histórico das disciplinas, ao contrário, hoje, passamos por um momento histórico das indisciplinas. Passaram a ser comuns as queixas de professores com relação à falta de respeito dos alunos em sala de aula, ou seja, atualmente, aquela mecânica do poder, da qual fala Foucault (1987), não mais surte efeito sobre o corpo do indivíduo, não se obtém mais a docilização do indivíduo como previra Foucault.

## Capítulo 2 Análise do discurso

Este capítulo apresenta os conceitos teóricos que balizam a análise do discurso de linha francesa. Apesar de, para este trabalho, interesse mais precisamente a terceira fase dos estudos Pecheutianos, exposta no item 2.4, desta dissertação, considerou-se a importância de se expor todo o percurso da ADF em virtude de se encontrarem aspectos discursivos pertinentes às fases anteriores no corpus de pesquisa.

### 2.1 Percurso histórico

A preocupação com o estudo da linguagem em funcionamento, segundo Sargentini (1999), não é recente, remontando à Antigüidade, período no qual latifundiários da Sicília necessitavam defender seus direitos. Para suprir tal necessidade, empregou-se o discurso argumentativo, desenvolvendo-se, assim, a Arte Retórica que privilegiou o estudo da linguagem para fins persuasivos e artísticos. Contudo, tais estudos não contribuíram com uma análise sistemática do texto. Somente no início do Século XX, os trabalhos dos formalistas russos <sup>1</sup> apontaram uma direção ao estudo do discurso. Mas, foi nos anos 60 que o texto passou a ser tomado como objeto de investigação científica. Os estudos lingüísticos saussureanos que inauguraram os estudos da linguagem como ciência, não tomaram o texto como unidade de análise, pois seu objetivo era o estudo sistemático da língua (*langue*). Saussure limitou a significação ao âmbito do texto, excluindo da análise o sujeito e o contexto sócio-histórico.

---

<sup>1</sup> Formalistas Russos: grupo de lingüistas russos pertencentes ao Círculo Lingüístico de Moscou; entre eles V. Propp que se dedica à análise estrutural do conto popular russo e Jakobson que desenvolve uma análise imanentista de texto. (Sargentini, 1999)

Para chegar ao texto como unidade de análise, a Lingüística contou, entre outras colaborações, com a das reflexões de Benveniste que mostrou a subjetividade na língua e de Harris com o modelo distribucionista. Orientando-se ainda por Sargentini (1999), nota-se que houve três importantes momentos no desenvolvimento teórico da análise do texto: o primeiro momento caracterizou-se pelo estudo dos enunciados, durante o qual houve uma preocupação limitada ao estudo de como os elementos lingüísticos se organizam; num segundo momento, a preocupação foi mais ampla e direcionou-se para o estudo do *o quê* está dito no texto e *como* o texto diz aquilo que diz; no terceiro momento, o contexto passa a ser considerado fator relevante na análise. Além da investigação do *o quê* e do *como*, passam a ser investigados também o *por que*, *para quem* e *em que* situação o texto diz o que diz, o que introduz na teoria do texto a problemática da enunciação e sua relação com o enunciado. A preocupação em relação à subjetividade na linguagem reintroduz na lingüística a noção de sujeito, o que depõe os limites impostos pela lingüística saussureana.

Os estudos de Jakobson (1969) e Benveniste (1976) permitem o desenvolvimento dos estudos do discurso a partir da instância de enunciação. Sargentini afirma que também é necessário considerar, como contribuição para os estudos do texto, o desenvolvimento das gramáticas pragmáticas preocupadas com a filosofia da linguagem e com o aspecto da interação de comunicação que considerou, entre outros aspectos, a inseparabilidade do texto e contexto. Assim, com a incorporação da análise do componente pragmático, a Lingüística Textual evoluiu em direção a uma análise global do texto.

Contudo, pouco se dedicou a aspectos como a subjetividade lingüística, a dimensão histórico-social e a pré-existência dos discursos. A postura das vertentes de estudos de até então ocasionava uma limitação na tarefa de se analisar globalmente o texto, pois não considerava os diferentes níveis que embasam a unidade texto. Levando em consideração essa evolução dos estudos relativos ao discurso, alguns lingüistas passaram a conceituar o texto

como uma manifestação do discurso, e as diversas correntes da Análise do Discurso enfatizam a necessidade de se considerar, para a análise do texto, as relações externas a ele como a diversidade de enfoque, o conceito de sujeito, História e heterogeneidade discursiva (SARGENTINI, 1999).

Não se pode deixar de mencionar, também, Harris que, segundo Gadet e Hak (1997), inspira o método de análise proposto pela Análise do Discurso em gestação. Entretanto, conforme Brandão (2001), a obra de Harris embora mostre a possibilidade de se proceder a uma análise que ultrapassa os limites da frase, ainda se manifesta como extensão da lingüística imanente, por não considerar as relações entre o texto e as suas condições de produção.

Essas diferentes posturas caracterizarão duas diferentes perspectivas: de um lado o trabalho de Harris que corresponde à perspectiva americana da análise do discurso que se caracteriza pela extensão da Lingüística e, de outro lado, o trabalho de Benveniste que levanta a questão da relação estabelecida entre autor, discurso e mundo, trabalho que passou a ser conhecido como perspectiva européia.

Com as novas perspectivas sobre o texto e o discurso, desenvolveram-se, nas décadas de 60 e 70, várias linhas de pesquisa, entre elas a Lingüística Textual (Alemanha), a semiótica greimasiana (França), a teoria dos atos de fala (Inglaterra) e a Análise do Discurso de orientação francesa.

Esta última, “de base marxista, apresenta, além de uma análise formal, uma análise do texto considerando o relacionamento das materialidades discursivas com a História, avaliando as condições de produção em que o texto ocorre” (SARGENTINI, 1999, p. 41). Conforme Sargentini, na década de 60, J. Dubois, um lingüista, e Michel Pêcheux, um filósofo, desejando romper com as análises de explicação de texto ou de comentário literário, buscam

uma teoria não-subjetiva de leitura. Os estudos de ambos direcionaram a constituição da Análise do Discurso de perspectiva francesa (doravante ADF).

## **2.2 Análise do Discurso de perspectiva francesa**

A perspectiva teórica francesa, que interessa para este trabalho, segundo Maingueneau (1987 apud BRANDÃO, 2001, p. 17), filia-se à prática escolar francesa de explicação de texto e a uma tradição intelectual europeia, sobretudo na França, de base interdisciplinar na qual a reflexão sobre o texto se fazia articulando-se lingüística, marxismo e psicanálise. Ao articular o lingüístico e o social, a ADF expande-se e procura definir sua área de atuação, analisando, inicialmente, discursos políticos e textos impressos. Ainda com a necessidade de marcar sua especificidade, sem correr o risco de permanecer num estudo imanente da linguagem, conforme Maingueneau (1987 apud BRANDÃO, 2001), seria necessário estudar a linguagem em relação ao seu sistema interno e, sobretudo, estudá-la enquanto formação ideológica. Dessa forma, torna-se necessário destacar as vertentes que alimentarão a análise do discurso de linha francesa: o conceito de ideologia segundo Louis Althusser e o conceito de discurso segundo Michel Foucault. É sob a influência desses teóricos que o precursor da Análise do Discurso de perspectiva francesa, Michel Pêcheux, elabora seus conceitos.

Conforme exposto por Henri (apud Gadet e Hak, 1997), Michel Pêcheux tinha interesse especial pelas ciências sociais, em particular pela psicologia, tendo como objetivo profissional principal penetrar nesse campo. Com esse intento, apoiou-se no materialismo histórico renovado por Louis Althusser, ao reler Marx, na psicanálise de Jacques Lacan que retornou a Freud e no estruturalismo do qual interessava o aspecto não reducionista da

linguagem. Para Pêcheux, o estado das ciências sociais era um tanto pré-científico e, para o estabelecimento de uma ciência como tal, havia a necessidade de instrumentos que desempenhassem um papel determinante no momento da “reprodução metódica” (GADET & HAK, 1997, p. 16) do objeto da ciência. Este é considerado o momento fundador de uma ciência e também é o momento da reinvenção de ferramentas e instrumentos necessários e que são encontrados nas práticas científicas e técnicas ligadas à produção. A definição de um instrumento científico tornou-se o objetivo maior de Michel Pêcheux. Segundo Henri, para Pêcheux, esse seria o melhor meio de evitar a rotina da crítica filosófica tradicional, considerada por ele, por ser uma crítica única, uma crítica superficial, não passando de ideologias. Esse instrumento científico almejado por Pêcheux,

não podia ser, do seu ponto de vista, concebido independentemente de uma teoria que o incluísse ou que pudesse conduzir à teoria deste mesmo instrumento. ...esse instrumento não podia ser somente um instrumento a mais ... para efetuar as tarefas que os outros instrumentos não preenchiam (HENRY apud GADET & HAK, 1997, p. 18).

Pêcheux concebe sua análise automática do discurso como um instrumento científico, um dispositivo experimental a ser utilizado para promover uma transformação da prática nas ciências sociais, consideradas por ele essencialmente técnicas e ligadas à prática política e às ideologias desenvolvidas em contato com a essa prática, cujo instrumento é o discurso (HENRY apud GADET & HAK, 1997, p. 25), lugar ideal de intervenção para o que pretendia.

A primeira fase de Pêcheux (1969) trata das formações imaginárias que designam os lugares que os protagonistas do discurso se atribuem cada um, a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro (lugar de professor, lugar de aluno, lugar de pai, lugar de filho, etc.). Conforme Brandão (2001, p. 36), Pêcheux vê nos protagonistas do discurso não a presença física “de organismos humanos individuais”, mas a

representação de “lugares determinados na estrutura de uma formação social”. Assim, em todo processo discursivo, o emissor pode antecipar as representações do receptor e, de acordo com essa antecipação do imaginário do outro, criar estratégias de discursos. Diante desse jogo imaginário, conforme Uyeno (2006), os protagonistas do discurso ocupam seus lugares, no interior de uma instituição, pelo processo de interpelação dos indivíduos por uma ideologia ou assujeitamento, ou seja, o indivíduo é interpelado pela ideologia para que se produza o seu dizer. Isso ocorre porque

a ideologia “age” ou “funciona” de tal forma que ela “recruta” sujeitos dentre os indivíduos (ela os recruta a todos), ou “transforma” os indivíduos em sujeitos (ela os transforma a todos) através desta operação muito precisa que chamamos interpelação, que pode ser entendida como o tipo mais banal de interpelação policial (ou não) cotidiana: “ei você aí!” (ALTHUSSER, 1992, p. 96)

Trata-se de todo um jogo imaginário (CORACINI, 1995; UYENO, 1995) que preside a troca de palavras. Nesse jogo imaginário, “o processo de produção do discurso é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma, de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que “utilizam” seus discursos, quando, na verdade, são seus “servos” assujeitados, seus “suportes”” (PÊCHEUX, 1983) . Para essa concepção de sujeito assujeitado, fundamentado no ponto de vista althusseriano, o discurso não passa de um conjunto de enunciados fechados, pois são delimitados apenas por um ‘sujeito-estrutura’ que determina os demais. Sendo assim, seria possível analisar o discurso por meio da máquina discursivo-estrutural de Pêcheux, apoiada na metodologia distribucionalista de Harris. O sujeito tem seu discurso determinado por essa máquina estrutural fechada, onde as condições de produção do discurso são estáveis e homogêneas, implicando discursos com essas mesmas características a que, em sua autocrítica, Pêcheux chama de o “primado do Mesmo sobre o Outro”, isto é, essa máquina

discursiva levou a análise à busca das invariâncias, das paráfrases de enunciados sempre repetidos (GREGOLIM, 2004).

Essa autocrítica conduz Pêcheux à segunda fase de constituição da ADF, porque ele percebe ser necessária uma reformulação da teoria sobre a análise automática do discurso (69), que ficou conhecida como AAD 69, à luz de teorias mais recentes. Embora persista a idéia de maquinaria discursiva, outros aspectos tornam-se relevantes como as contribuições de Benveniste referentes à subjetividade na linguagem, à língua como sistema que antecede o falante, à polêmica entre o uso social e individual da língua e à impossibilidade de aceitar o sujeito benvenistiano que se apropria, na individualidade, de formas lingüísticas já existentes (SARGENTINI, 1999).

Em meio a essas reflexões, surge a noção de interdiscurso como um instrumento de análise para, conforme Sargentini (1999), indicar a inscrição no interior do discurso do exterior discursivo. Como bem explica Orlandi (2005) sobre a noção de interdiscurso,

[A] a memória tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. ... O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. ... No interdiscurso, diz Courtine (1984), fala uma voz sem nome (ORLANDI, 2005, p. 31, 33,34).

Em outras palavras, o conceito de interdiscurso sob a perspectiva discursiva francesa decorre da compreensão de que, para que o dito faça sentido, é necessário que já tenha sido dito, ou seja, de que todo discurso é derivado de outros. Novo impulso ainda é dado à ADF com as reflexões de Bakhtin (1929) sobre a teoria da dialogização interna do discurso, segundo a qual as palavras são, sempre e inevitavelmente, as palavras dos outros, isto é, em

todo dizer, encontram-se outros dizeres. Percebe-se aí a noção de interdiscursividade da qual decorre a sua heterogeneidade, ou seja, os mecanismos exteriores ao discurso são responsáveis pela sua heterogeneidade constitutiva cuja problemática constitui a segunda fase, em 1975, dos estudos de Pêcheux.

Tal conceito faz com que questione a validade da maquinaria discursiva e o autor desenvolve outra noção que passa a ser incorporada à análise do discurso: a noção de formação discursiva que orienta os estudos de Pêcheux, nesse segundo momento da ADF, em direção ao Outro, também conduzindo os estudos à heterogeneidade constitutiva do sujeito. Para isso ele re-interpreta o conceito de formação discursiva de Foucault.

A noção de formação discursiva tomada de empréstimo a Michel Foucault, começa a pôr em risco a noção de maquinaria estrutural fechada, uma vez que o dispositivo da formação discursiva está em relação paradoxal com seu exterior: uma FD não é fechada, pois é constitutivamente recortada por elementos que vêm de outras FD, por exemplo sob a forma de ‘preconstruídos’ e de ‘discursos transversos’ (PECHEUX, 1990, p. 314).

Esse novo conceito direciona os estudos peuchetianos a um novo estágio de reflexão em que ele refina a análise das relações entre língua, discurso, ideologia e sujeito. Para Pêcheux (1975), a região do materialismo histórico que interessa à teoria do discurso é a da superestrutura ideológica ligada ao modo de produção dominante na formação social considerada, sendo que “o funcionamento da instância ideológica deve ser concebido como “determinado em última instância” pela instância econômica” (PÊCHEUX, 1975). Segundo Brandão (2001), na reprodução das relações de produção, uma das formas pela qual a instância ideológica funciona é a da interpelação ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico. Conforme Gregolim (2004), todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classe, enfatizando que essas relações são contraditórias. O resultado dessas reflexões de Pêcheux é a formulação da noção dos dois esquecimentos (PÊCHEUX &

FUCHS, 1975). De acordo com essa noção, a interpelação consiste em fazer com que cada indivíduo, inconscientemente, tenha a impressão de que é senhor de sua própria vontade e seja levado a ocupar seu lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social.

Sob o termo de “esquecimento” que Michel Pêcheux arranca de sua acepção psicológica, tenta pensar a ilusão constitutiva do efeito sujeito, isto é, a ilusão para o sujeito em estar na fonte do sentido. No “esquecimento número 1” o sujeito “esquece”, ou em outras palavras, recalca que o sujeito se forma em um processo que lhe é exterior: a zona do “esquecimento número 1” é, por definição, inacessível ao sujeito. O “esquecimento número 2” designa a zona em que o sujeito enunciador se move, em que ele constitui seu enunciado, colocando as fronteiras entre o “dito” e o rejeitado, o “não-dito” (MALDIDIER, 2003, p.42).

Ainda sobre a noção dos dois esquecimentos é importante dizer que está na psicanálise a diferença entre o esquecimento número 1 e o esquecimento número 2. De acordo com Maldidier (2003), Pêcheux deixa claro que a oposição entre os esquecimentos é a das zonas em que eles trabalham: o pré-consciente para o “esquecimento número 2” e o inconsciente para o “esquecimento número 1”. Essa oposição conduz a uma analogia com a teoria lacaniana do outro vs o Outro: identificação imaginária (“*outro*” com *o* minúsculo) está do lado do “esquecimento número 2”; processo de interpelação-assujeitamento do sujeito ( o “*Outro*” com *O* maiúsculo) do lado do “esquecimento número 1”, deixando evidente, assim, a relação entre ideologia e inconsciente e a noção de que uma formação discursiva é constituída pelo que lhe é exterior.

O que foi exposto nos conduz a concluir que o discurso constitui um dos aspectos materiais da ideologia; pode-se afirmar que o discurso é uma espécie pertencente ao gênero ideológico, ou seja, a formação ideológica tem, necessariamente, como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Assim, os discursos seriam governados por formações discursivas e são elas que, em uma formação ideológica específica e, levando-se em conta uma relação de classe, determinam “o que pode e deve ser dito” (FOUCAULT, 2007), a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada. É preciso

explicar, entretanto, a complexidade e as contradições das formações discursivas. Para dar conta de tais explicações, o sujeito deixa de ser visto como uma voz unitária, para ser heterogênea. Assumem-se as heterogeneidades constitutivas do sujeito e de seu discurso, caracterizando a terceira fase da AD, que passa a assumir que “toda fala é determinada de fora da vontade do sujeito e este é mais falado do que fala” , que “as palavras são, sempre e inevitavelmente, “as palavras dos outros”” (AUTHIER-REVUZ, 1990). O sujeito resulta, assim, de uma estrutura complexa; ele não é uno, é polifônico, e seu discurso é marcado por uma heterogeneidade constitutiva própria às interações sociais. Fernandes (2004), baseado em Authier-Revuz, afirma que

há um descentramento do sujeito: “um “eu” implica outros “eus” e o outro apresenta-se como uma condição constitutiva do discurso do sujeito, afinal, um discurso constitui-se por meio de outros discursos. (“O sujeito é cercado por tantas janelas abertas – exterioridades sociais que lhes são constitutivas – e pelas mesmas tantas janelas abertas – manifestações de seus desejos e suas possibilidades de materializarem-se pela linguagem”) (FERNANDES, 2004, p. 47).

Nessa terceira fase, a noção de maquinaria discursivo-estrutural é completamente desconstruída, e as noções sobre heterogeneidade são finalmente incorporadas juntamente com a noção de dispersão, pois, concluiu-se que as condições de produção não são estáveis como se pensava anteriormente, mas sujeitas às condições sócio-históricas; daí, passar-se a admitir que o sujeito é heterogêneo e disperso. Brandão 2001 e Orlandi (2005), a partir de Pêcheux, concebem o discurso como uma dispersão de textos e o texto como uma dispersão do sujeito. Por texto enquanto dispersão do sujeito, entenda-se a perda da centralidade de um sujeito uno que passa a ocupar várias posições enunciativas; por discurso enquanto dispersão de textos entenda-se a possibilidade de um discurso estar atravessado por várias formações discursivas. Em um mesmo texto, segundo Pêcheux (1983), podem-se encontrar várias formações discursivas e estabelecer-se uma relação de dominância de uma formação

discursiva sobre a outra, ocorrendo, dessa forma, a heterogeneidade que é constitutiva do próprio discurso e que é reproduzida pela dispersão do sujeito.

### **2.3 Análise do discurso e psicanálise**

Tendo exposto as duas fases de constituição da ADF, concebidas por Pêcheux, confere-se proeminência à 3ª fase cujas formulações foram de importância para a análise do corpus de pesquisa desta dissertação.

Retomando-se o projeto pêcheutiano, reforça-se que a ADF foi construída sob a articulação de três regiões do conhecimento científico: o materialismo histórico (compreendida aí a ideologia), a lingüística e a teoria do discurso e essas três regiões atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica (PÊCHEUX & FUCHS [1975] 1993, p. 163 apud TEIXEIRA, 2005).

Como já foi mencionado, é no terceiro momento que Pêcheux faz uma autocrítica e interroga sua própria teoria para tratar da incompletude do sentido. Sentindo-se desconfortável com relação aos resultados da análise de discurso, o autor submete sua teoria a um processo de desconstrução. Conforme Teixeira (2005), o autor não conseguiu reconstruí-la efetivamente, mas deixou indicações de como fazê-lo.

O apelo ao campo da psicanálise fez-se, nas palavras de Teixeira (2005, p. 17), “no intuito de permitir a inclusão, nos estudos da linguagem, daquilo que foi recalcado no ato de fundação da lingüística formal: o sujeito e o sentido”. Dito de outro modo, segundo a autora, o fato de o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estarem materialmente ligados no processo da linguagem justifica a necessidade da articulação entre o materialismo histórico

e a psicanálise. É o reconhecimento desse fato que leva Pêcheux a propor uma 3ª fase no percurso da ADF.

Como se sabe, Pêcheux recusa as noções filosóficas que definem o sujeito como um ser livre. Conforme Teixeira (2005), para superar essa visão, ele empreende o esforço de conferir à subjetividade uma dimensão, ao mesmo tempo, ideológica e psicanalítica por meio do conceito de *forma-sujeito*. Para isso, ele recorre à releitura de Marx por Althusser e ao retorno de Lacan a Freud. Ainda, segundo essa autora, a tentativa que Pêcheux faz é a de aproximar o materialismo histórico e a psicanálise, buscando uma articulação entre ideologia e inconsciente na constituição do sujeito. Nesse estudo, ele amplia a leitura da noção althusseriana de interpelação e introduz o conceito de discurso, tentando desenvolver um método de análise e, para isso, busca o ponto de encontro entre ideologia concebido por Althusser, a partir de Marx e inconsciente concebido por Lacan, a partir de Freud.

Para Althusser, *a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos*; para Pêcheux, pela ampliação do postulado althusseriano, os indivíduos são interpelados em *sujeitos falantes* por formações discursivas que representam, na linguagem, as formações ideológicas que lhes são correspondentes. Assim, é no interior de uma formação discursiva que se realiza o assujeitamento do sujeito do discurso e Pêcheux chama de *forma-sujeito* o sujeito afetado pela ideologia (TEIXEIRA, 2005, p. 47).

Ainda ampliando os estudos de Althusser, Pêcheux rende-se à formulação lacaniana de que o *inconsciente é o discurso do Outro* e diz que o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados. Conforme Teixeira (2005), Pêcheux considera que ideologia e inconsciente são estruturas-funcionamentos que operam ocultando sua própria existência, produzindo um tecido de evidências subjetivas que constituem o sujeito.

Focando ainda esta última fase, conhecida como AD3, de maior relevância para este trabalho, reforça-se que ela aponta para modificações profundas no quadro conceitual da

ADF. Destaca-se, nesse momento, o estudo de Jacqueline Authier-Revuz sobre a teoria das heterogeneidades enunciativas, que tematiza as formas lingüístico-discursivas do discurso-outro: discurso de um outro que atravessa o sujeito ou, dito de outro modo, a heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso. Jacqueline Authier-Revuz (1990) postula as heterogeneidades enunciativas, ou seja, a manifestação de nossa subjetividade no discurso. Como já visto, o indivíduo forma sua identidade por meio do contato com outras pessoas; o indivíduo é, portanto, um conjunto de experiências em contato com o outro, por isso, tanto o sujeito quanto o seu discurso são heterogêneos. Todo discurso é, assim, atravessado pelo discurso do outro. Authier-Revuz (1990) oferece o exemplo do Adão mítico, para ilustrar esse conceito: somente ele em seu primeiro discurso não teria marcas do discurso do outro, estaria isento da fala do outro.

Para a compreensão do sujeito nessa perspectiva torna-se necessário esclarecer sobre esse sujeito discursivo: não se trata de um indivíduo compreendido como um ser que tem uma existência particular no mundo, ou seja, não se trata de um ser humano individualizado. O sujeito discursivo deve ser considerado como um ser social apreendido em um espaço coletivo social e ideológico em um dado momento da história. Assim, a voz desse sujeito revela seu lugar social e expressa um conjunto de outras vozes dessa realidade; de sua voz ecoam as vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico (FERNANDES, 2007). Para compreender o sujeito do discurso, requer compreender quais são as vozes sociais que se fazem presentes em sua voz e, pela escolha lexical, a revelação da inscrição socioideológica do sujeito enunciadador. Essa percepção possibilitou a compreensão da natureza heterogênea constitutiva da linguagem e do sujeito. Sendo assim, o sujeito e o discurso são o resultado da interação social o que promove um entrelaçamento de diferentes discursos na constituição do sujeito discursivo caracterizado por Bakhtin como sujeito polifônico.

Segundo Fernandes (2007), as reflexões acerca de polifonia – presença de diferentes vozes integrantes da voz de um sujeito - e dialogismo – relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos (BRAIT, 1997 apud FERNANDES, 2005) - foram retomadas por Jacqueline Authier-Revuz que propôs o conceito de heterogeneidade discursiva. A heterogeneidade considerada constitutiva do discurso, conforme essa autora, ocorre de duas maneiras: *heterogeneidade mostrada*, que denuncia o outro por meio de artifícios (aspas, discurso direto, discurso indireto, etc.), ou seja, essa forma de heterogeneidade aparece na superfície lingüística falada ou escrita, apresentando-se explicitamente no discurso do sujeito; *heterogeneidade constitutiva* é o que escapa ao controle do autor; são marcas que aparecem na materialidade do discurso, porém o autor não se dá conta de que é o já-dito, o discurso do outro; o sujeito-autor acredita, tem a ilusão de ser dono do seu dizer, mas seu discurso está carregado da fala do outro.

Para esboçar o conceito de heterogeneidade, Authier-Revuz reflete, também, sobre a relação do sujeito com a linguagem a partir de considerações de natureza psicanalítica. Esse viés psicanalítico permite revelar um olhar sobre o inconsciente sempre em atuação por meio da linguagem que, conforme Freud, manifesta a natureza psíquica que foge ao controle da consciência do sujeito. Essas manifestações não se revelam de acordo com a vontade do sujeito, mas afloram nos sonhos, nos atos falhos, nos lapsos. Essa perspectiva considerada por Authier-Revuz confirma a compreensão do sujeito como descentrado; o sujeito não é o centro de seu dizer, pois sob suas palavras outras palavras são ditas.

Considerado, assim, como escape ao controle do sujeito, o inconsciente dá espaço à manifestação do desejo. Conforme Fernandes (2005), Authier-Revuz (1982) tomou de Lacan a designação de Outro e diz que esse Outro refere-se ao desejo do outro – o exterior, o social – como constitutivo de desejo do “eu” que seria o sujeito.

Ainda com relação a essa terceira fase da ADF, Uyeno (2007) afirma que Pêcheux desbrava um caminho para a consideração efetiva da Psicanálise até então apenas pressuposta e, embora mantenha a fidelidade à determinação histórica da elocução, acolhe a tese milneriana de inspiração lacaniana da alíngua.

Alíngua é, em toda língua, o registro que a consagra ao equívoco. Ela se faz substância, matéria possível para os fantasmas, conjunto inconsistente de lugares para o desejo: a língua é, então, o que o inconsciente pratica, prestando-se a todos os jogos imagináveis para que a verdade, no domínio das palavras, fale (Milner 1987, p.15 apud UYENO, 2007).

Uyeno (2007) considera, a partir de Milner e de Pêcheux, que não há como deixar de admitir a postulação milneriana de que a figuração mais direta da alíngua é a língua materna e isso significa considerá-la no sentido de que essa é a língua pela qual o sujeito enuncia os mais caros desejos, de que é a língua pela qual se expressa e, portanto, se inscreve no mundo.

Expostas as premissas básicas para a construção da relação estabelecida entre o sujeito e o discurso, o item a seguir discorre sobre a concepção de sujeito a ser adotado por esta dissertação.

### Capítulo 3 Sujeito

Tendo exposto a admissão por Pêcheux da impossibilidade de se proceder a uma análise do discurso sem se considerar a inevitável presença do inconsciente, balizando-se pela psicanálise, em especial pelas leituras de textos lacanianos, este item discorre sobre o sujeito, assumindo-o como sujeito sempre e inevitavelmente o inconsciente que se estrutura como efeito de linguagem, para propiciar uma melhor compreensão das manifestações do sujeito adolescente com relação a si próprio e aos outros.

Este capítulo pretende atender a uma das exigências deste trabalho, qual seja, discorrer sobre o conceito de sujeito. Tem-se consciência, porém, do quão delicado e complexo é esse assunto. Deixa-se clara a preocupação de que se trata de algo que, conforme Elia (2004), não “nasce” e não se “desenvolve” e, segundo Pacheco (1996), tanto Freud quanto Lacan falam de um sujeito vindo do pulsional, que é sempre um sujeito “por vir”, um sujeito em construção permanente. Considerou-se, então, em vez de falar do conceito de sujeito, tratar inicialmente da constituição do sujeito, recorrendo para isso, à psicanálise, pois, como diz Elia (2004), não há qualquer possibilidade de se saber o que quer que seja a respeito do inconsciente sem a experiência psicanalítica. Considerou-se também apropriado seguir o proposto por esse autor que aconselha ir passo a passo para entender o inconsciente, a psicanálise – ainda que com pouca profundidade - e o sujeito, pois, segundo ele, esse é um conhecimento que não está ao alcance de quem não quer se dar ao trabalho psicanalítico.

### 3.1 Constituição do sujeito lacaniano

Elia (2004), ao explicar como o sujeito veio ao mundo, recorre a Lacan que disse ser o sujeito uma categoria moderna, contemporânea à ciência que é um advento moderno do século XVII. A ciência moderna estabeleceu as condições da aparição material do sujeito, mas não o considera. Segundo Elia, a ciência não opera com o sujeito nem sobre ele; ela o supõe e o exclui do seu campo de operação. Lacan afirma que, embora o sujeito da psicanálise seja o mesmo sujeito da ciência, ela, a Psicanálise, opera sobre o sujeito e não sobre uma pessoa humana, um indivíduo, que é o mesmo da ciência.

Ao explicar o processo de constituição do sujeito, Elia esclarece que, para a psicanálise, ele só pode ser concebido a partir do campo da linguagem, uma vez que é o efeito da linguagem e sua constituição está articulada ao plano social. O autor salienta que o sujeito só pode se constituir em um ser e entrar em uma ordem social a partir da família ou de seus substitutos. Sem isso, ou seja, sem a ordem familiar e social, o ser da espécie humana não tem como sobreviver, uma vez que é um ser desamparado que necessita da convivência com um adulto próximo que, por sua vez, deve intervir com ações específicas necessárias à sua sobrevivência.

Conforme Elia (2004), para designar esse adulto próximo do qual fala Freud, Lacan introduz, na psicanálise, a categoria de Outro (com “o” maiúsculo), para indicar não só a pessoa física do adulto, mas também a ordem que esse adulto encarna para o ser recém-aparecido na cena de um mundo já humano, social e cultural. Para simplificar, Elia chama o ser recém-aparecido de *bebê*, o adulto próximo de *mãe* e reforça que esse Outro materno representa, além do adulto que ampara o pequeno ser, toda uma ordem simbólica que a mãe introduz no seu ato de cuidar do bebê. O autor explica que o bebê, ainda não-sujeito, mas um

ser de necessidades é atendido por outro ser que é um ser de linguagem, “alguém que já está do lado “de lá” do muro da linguagem, de onde só pode atender à necessidade do bebê com a linguagem” (ELIA, 2004, p. 50). De acordo com a psicanálise lacaniana, a mãe, genitora ou não, é o ser de linguagem que atende à necessidade de um filho de humanos por meio da linguagem; ela é o nome do adulto próximo, é o Outro. A mãe, assim, para manter vivo o pequeno ser, executa o que, segundo Elia, Freud chama de “ação específica”, que consiste em atender à criança pela introdução da palavra. A introdução dessa palavra faz com que o bebê não seja mais um simples mamífero, posto que quem o atende por intermédio da palavra traz o leite, mas também traz o significante, traz a palavra carregada de significados. Freud esclareceu a passagem do objeto da necessidade – leite – para o objeto do desejo. Essa passagem é apreendida na experiência psíquica, e esta registra a experiência de satisfação da necessidade. Uma vez registrada essa experiência, o sujeito a perde como natural, ou seja, aquele pequeno ser, o bebê, deixa de ser um simples mamífero e inicia sua entrada na cultura. É, nesse momento de registro do simbólico, de acesso do pequeno ser à linguagem que Lacan (apud Chaves, 2005), diz ser o início da constituição do ser como sujeito. Segundo Elia (op. cit), Freud deixa claro, também, que o psiquismo procurará reencontrar esse objeto, conforme foi registrado psiquicamente, e denomina essa busca como desejo, o que nos caracteriza como sujeitos do desejo.

Convém esclarecer, aqui, a diferença entre necessidade e desejo: conforme Chaves, a necessidade é da ordem da biologia que, como tal, se finda ou se satisfaz com sua realização; o desejo é da ordem das palavras, uma vez que não se satisfaz, não se realiza plenamente, apontando uma ausência (do objeto) e uma presença (do ato de desejar)(CHAVES, 2005, p. 49).

Elia (2004) argumenta que o que chega ao bebê por meio da mãe não é um conjunto de significados a serem incorporados e com os quais ele interagiria, a partir de sua carga

genética. O que chega ao ser desamparado é um conjunto de marcas materiais e simbólicas, as quais suscitarão, no corpo do bebê, um ato de resposta que se chama de sujeito. Portanto, conforme esse autor, “o sujeito é um ato de resposta”, uma resposta dada em ato. Elia descreve um bebê, quando aparece na cena do mundo, como um ser vivo, mamífero, portador de necessidades vitais para sua sobrevivência e reforça que somente será chamado a se constituir, a partir de seu encontro com o Outro por meio da linguagem. O autor lembra, ainda, que a vida biológica é excluída da experiência do sujeito e que, para a psicanálise, o bebê-mamífero não representa o primeiro momento do sujeito, mas condição do pré-sujeito, prévia ao sujeito que terá sido mítica, quando o sujeito estiver constituído (ELIA, 2004, p. 47). Contudo, mesmo sendo excluída do processo de constituição do sujeito, a condição de bebê-mamífero deve ser considerada, porque ela deixará marcas no sujeito como uma herança a ser retomada. Para explicar essa disjunção entre bebê-mamífero e sujeito, Elia recorre a Freud que diz ter ido aos confins da relação da natureza com a cultura, para, ali, encontrar o ponto de corte entre essas duas experiências. Para isso, Freud criou o mito do Assassinato do Pai da Horda Primitiva, segundo o qual, o sujeito procede do assassinato do Pai-natureza; esse ato o arranca da natureza e o faz sentir-se culpado, sem que tenha matado Pai algum que seja encontrável. Devido a esse ato, o sujeito ingressa na cultura carregando uma espécie de buraco na alma. Esse buraco representa uma falta e é somente por meio dela que o sujeito emerge como tal; seria uma falta fundadora do sujeito que, para a psicanálise, é o que nos faz sujeitos na cultura (ELIA, 2004, p. 47).

Como se apresentou, por meio da palavra, inicia-se o processo de constituição do sujeito, que não é o indivíduo, o sujeito pensante consciente a que se refere a filosofia analítica e que é indistinguível do eu. Conforme explica Fink (1998), o eu, de acordo com Lacan, surge como uma sedimentação de imagens ideais com a qual a criança aprende a identificar e a se identificar. Pela teoria do estágio do espelho, Lacan explica que a criança,

desde muito cedo, interessa-se por sua imagem no espelho. Essas imagens do espelho são tidas como ideais, pois, nesse momento (seis a dezoito meses), a criança ainda é bastante descoordenada; é apenas uma mistura desorganizada de sensações e de impulsos, e a imagem do espelho apresenta uma aparência superficial unificada semelhante à imagem dos pais tidos pela criança como capazes, coordenados e poderosos. Conforme Chaves (2005),

é a aventura original através da qual, pela primeira vez, o homem passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo – dimensão essencial do humano, que estrutura toda a sua vida de fantasia (LACAN, 1983, P. 96 apud CHAVES, 2005, p. 41)

Essas imagens são de grande valor para a criança, porque seus pais atribuem muita importância a elas, quando dizem que a imagem do espelho é a própria criança “*Sim, neném, aquela é você!*” (FINK, 1998, p. 57). Assim como essas, a criança assimila, também, outras imagens ideais derivadas da imagem dela refletida pelo Outro parental. Exemplo disso ocorre quando outra pessoa se refere à criança como “uma boa menina” ou “uma menina má” (filho exemplar; filho obediente; ele se parece com o pai ou com a mãe etc); essas imagens são estruturadas lingüisticamente e derivadas de como o Outro parental a vê e determinará conseqüências nela. Na realidade, diz Fink, é a ordem simbólica que realiza a internalização dessas imagens, uma vez que é devido à reação dos pais a tais imagens que elas se tornam carregadas de interesse aos olhos da criança. Esse é também o motivo pelo qual as imagens especulares não despertam grande interesse na criança antes dos seis meses, ou seja, antes do funcionamento da linguagem. Após a sua internalização, essas imagens fundem-se em uma imagem global imensa a qual passa a ser considerada pela criança como o seu *self*. Torna-se uma auto-imagem que pode ser incrementada ao longo da vida da criança, à medida que novas imagens são enxertadas sobre as velhas. Segundo o autor, é essa cristalização de imagens ideais que atribui um sentido ao eu que permite um sentido do eu coerente ou não o

permite, quando as imagens são contraditórias. É nesse sentido que a compreensão do mundo ao nosso redor envolve a justaposição do que vemos e ouvimos com essa auto-imagem internalizada e nos leva a perguntarmo-nos: Como os acontecimentos se incidem em nós? Onde nos encaixamos? Esses acontecimentos constituem um desafio para a visão de nós mesmos? (FINK, 1998, p.57). Chaves (2005) explica que a imagem, como forma que fascina o sujeito, o constitui; o sujeito não será, portanto, anterior a ela. Ele argumenta que é na forma e pela forma que se dá a constituição do sujeito, não havendo, assim, um exterior que esteja fora dele, mas apenas no interior do próprio sujeito, isto é, é nele mesmo que o outro está (Chaves, 2005, p.40).

Para Lacan, o sujeito se forma por três processos: alienação, separação e vel da alienação.

### **3.1.1 Alienação**

A enunciação do sujeito, sempre do inconsciente, não consegue ser contida; e daí se constituir entre um sentido falso de “self” (do eu construído pelas imagens ideais) e do funcionamento automático da linguagem no inconsciente. Segundo o autor, as duas partes de um ser falante não têm nenhum traço em comum; estão separadas de forma radical; o eu ou o falso ser exige uma negação dos pensamentos inconscientes, o que determina que o sujeito do inconsciente seja barrado.

Essa divisão é produto do funcionamento da linguagem em nós, quando começamos falar ainda crianças, o que é equivalente ao que Lacan se refere como “alienação” na linguagem. Conforme Fink explica, no processo denominado por Lacan como alienação, há

duas partes envolvidas: a criança e o Outro. De acordo com a teoria lacaniana, todo ser humano que aprende a falar torna-se um ser alienado. Isso ocorre, porque a linguagem traz com ela a alienação que é um aspecto essencial da aprendizagem da língua materna cujo próprio termo já indica que é a língua de algum Outro (Outro materno ou mãe-Outro). Esse Outro evade enquanto a criança aprende uma língua que é indispensável para sua sobrevivência no mundo como o conhecemos. É, assim, a linguagem que nos torna sujeitos do desejo, passamos a desejar ou a não desejar algo e nunca nos satisfazemos. Sendo assim, será no discurso que Lacan irá buscar a determinação do sujeito (CHAVES, 2005, p. 50), afirmando que o mundo do simbólico, da palavra é o lugar do sujeito, ou ainda, que a condição de sujeito é definida e determinada pela fala. É nesse sentido que Lacan, conforme Chaves (2005), postula que “o inconsciente é o discurso do outro”, sendo este o Outro no qual está condensada a linguagem, a relação do homem com o simbólico, que vem de fora, que lhe é imposto e que difere do outro, por este se referir à relação imaginária, em que o sujeito se projeta no outro; refere-se à imagem refletida no espelho.

Nesse momento de aquisição da linguagem, trava-se uma luta entre a criança e o Outro. A criança perde essa luta, pois assujeita-se ao Outro, permite que o significante a substitua. Por outro lado, porém, ela também ganha algo: torna-se um sujeito da linguagem, escolhe pagar o preço da sujeição à linguagem que antecede seu nascimento e que flui por meio do discurso que a circunda, molda seus desejos e fantasias, isto é, permite ser representada por palavras, alienando-se, assim.

Mas Lacan, de acordo com Fink, vai além do sujeito dividido – alienado, fendido, barrado – no qual há uma face visível e uma invisível. Ele fala sobre um sujeito do inconsciente que é excluído do nível do pensamento inconsciente; esse sujeito se manifesta apenas momentaneamente; é um eu efêmero e ético que assume a responsabilidade pelo inconsciente e por aquilo que interrompe, uma vez que Lacan sustenta que “sempre se é

responsável por sua posição como sujeito”. O sujeito como alienado ou dividido “é capaz de superar essa divisão que é, em certo sentido, a condição da possibilidade da existência de um sujeito e o deslocamento intermitente parece ser sua realização” (FINK, 1998, p.70). O autor enfatiza, então, que o sujeito lacaniano é o sujeito alienado que não é outro senão a divisão em si, isto é, corresponde à “separação” que é outro processo estudado por Lacan.

### 3.1.2 Separação

A separação, conforme expõe Fink (2005), envolve o confronto do sujeito alienado com o Outro agora como desejo. O autor diz que *o sujeito é causado pelo desejo do Outro, uma vez que* a causa da presença física do sujeito no mundo foi um desejo dos pais dessa criança. Os motivos desse desejo são complexos e podem não ser os mesmos para a mãe ou para o pai da criança; eles, porém, agem sobre a criança, após o seu nascimento, e são responsáveis pelo seu advento enquanto um sujeito não só da linguagem, mas, também, do desejo, do desejo do Outro (dos pais).

O autor explica que a alienação do sujeito consiste, então, na causação do sujeito pelo desejo do Outro, isto é, nos motivos que causaram o desejo de se ter um filho. Os motivos desse desejo antecederam o nascimento do sujeito e não partiram dele. A separação, então, consiste na tentativa, por parte do sujeito alienado, de lidar com esse desejo do Outro na maneira como ele se manifesta no mundo do sujeito. Durante esse processo, a criança investiga o desejo do Outro-materno que é o mundo ou universo dela e descobre que ela não é seu único interesse; a mãe tem outros interesses, mesmo porque ambos não formam uma unidade total mãe-criança que possa satisfazer à criança todos os seus desejos. A mãe, muitas

vezes, é forçada a negligenciar os desejos da criança em alguns momentos em razão de suas outras fontes de interesse pessoal. Assim, a criança fracassa ao tentar completar com perfeição a mãe, e isso a expulsa da posição de desejar ser e, ao mesmo tempo, fracassar-em-ser o único objeto do desejo do Outro (FINK, 1998). A essa expulsão, Lacan dá o nome de separação.

### 3.1.3 Vel da alienação

Outro conceito lacaniano exposto por Fink (1998) é o de *vel* da alienação, que equivale a uma *escolha exclusiva* entre duas partes que será decidida pela luta até a morte. O autor se refere a essa escolha como *ou/ou*. Esse *vel* admite a possibilidade de sobrevivência de uma das partes ou de nenhuma delas, Fink, porém, adverte que o *vel* da alienação de Lacan sempre exclui a sobrevivência de uma das partes e sempre a mesma. Lacan tem um exemplo clássico para explicar esse processo: num assalto, o ladrão fala “A bolsa ou a vida!” Ao ouvir isso, a vítima sabe que a bolsa, ela já perdeu, se ela for imprudente e reagir, o assaltante cumprirá a palavra e tirará a vida dela, depois ainda levará a bolsa. Portanto, a bolsa, de qualquer forma, estará perdida. A pessoa prudente dá a bolsa e fica com a angústia de tê-la perdido e com o sofrimento da restrição de algum prazer que seria satisfeito com o dinheiro nela contido. Resta apenas uma dúvida: a reação ao assalto com sucesso da pessoa ou com a morte.

Esse exemplo é oferecido somente para esclarecer, pois as partes que nos interessam aqui são o sujeito e o Outro, sendo que o sujeito corresponde à bolsa, isto é, à posição de perdedor. Para Lacan, nesse confronto, os lados, sujeito e Outro, não são equilibrados. O

sujeito logo sai de cena, isto é, escolhe o “próprio desaparecimento”, e isso é fundamental para sua ascensão à subjetividade; é o primeiro passo para a possibilidade de ser.

A alienação é essencialmente caracterizada por uma escolha “forçada” que descarta o ser para o sujeito, instituindo em seu lugar a ordem simbólica e relegando o sujeito à mera existência como um marcador de lugar dentro dessa ordem (FINK, 1998, p. 75).

Sem a alienação, não há possibilidade de ser; antes da alienação, o sujeito não é; o sujeito é não-ser o que justifica que o fracasso em se desenvolver como um ser específico e a escolha em desaparecer são imprescindíveis para que ele passe a ser. Após a alienação, o ser é apenas potencial, isto é, a alienação dá a origem a uma possibilidade de ser, a um lugar onde se espera encontrar um sujeito, que, no entanto, permanece vazio. Essa falta, esse vazio, representa o primeiro vestígio do sujeito, pois é essa falta que vai constituir-lo; essa falta é o primeiro passo além do nada. Assim, segundo Fink (1998), a alienação representa a instituição da ordem simbólica e a atribuição de um lugar ao sujeito nessa ordem, um lugar que ele não detém ainda, mas um lugar designado exclusivamente para ele. O significante é o que funda o sujeito (FINK, 1998, p. 75).

### **3.2 Sujeito do desejo**

Como vimos, na alienação, a criança ganha uma base dentro do ser dividido, instala sua falta a ser onde o Outro está faltando. Na separação, tenta preencher a falta do Outro materno com sua própria falta a ser; ela tenta completar essas duas faltas, fazendo com que as duas coincidam. Para isso, ela tenta compreender o discurso dos pais; ela tenta ler entre as

linhas para descobrir o indecifrável; é a fase dos porquês intermináveis das crianças que, segundo Lacan, não é da ordem da simples curiosidade. A criança tenta descobrir a posição que ocupa, a importância que tem para os pais, querendo assegurar um lugar para si mesma; ela tenta ser o objeto do desejo de seus pais, especialmente da mãe. Fink (1998) assinala que, para Lacan, a falta e o desejo são co-extensivos. A criança esforça-se para preencher toda a falta da mãe; ela quer ser tudo para o Outro-materno, isto é, a criança quer monopolizar por completo o espaço do desejo da mãe, tentando corresponder a cada capricho e fantasia da mãe: o desejo da mãe é uma ordem para ela. No entanto ela fracassa; suas tentativas são frustradas, pois o sujeito é impedido de tomar conta do espaço do desejo. Lacan reitera, repetidas vezes, que o desejo das crianças nasce completamente subordinado ao desejo da mãe (FINK, 1998, p. 77). Assim, Fink explicita a ambiguidade da máxima lacaniana “*Lê désir de l’homme, c’est lê désir de l’Autre*” : “O desejo do homem é o desejo do Outro” ou “O desejo do homem é o mesmo que o desejo do Outro” ou ainda “O homem deseja o que o Outro deseja”. As duas idéias fazem sentido, pois, o homem não somente deseja o que o Outro deseja, mas deseja da mesma forma; o homem aprende a desejar como um outro, como se ele fosse alguma outra pessoa.

Na tentativa da criança de descobrir o desconhecido no desejo do Outro, encontra o seu próprio desejo, uma vez que o desejo do Outro funciona como a causa do desejo da criança. Daí, Lacan afirmar que “O desejo do homem é que o Outro o deseje” ou “O homem deseja o desejo do Outro por ele” (FINK, 1998, p.82). Essa formulação de Lacan revela o *objeto a*. Esclarece Fink que a criança gostaria de ser o único objeto de afeto da mãe, mas ela deseja, quase sempre, além da criança. Os desejos de ambas não coincidem, uma vez que o desejo da mãe é independente do desejo da criança, o que cria um corte entre elas. Esse corte leva ao advento do *objeto a* que pode ser entendido como o último indício da unidade hipotética mãe-criança que se rompeu; o *objeto a* seria o resto dessa unidade, pelo qual o sujeito se sustenta

em ser, como um ser de desejo, um ser desejante. A criança, que fracassa em suas tentativas de se tornar o desejo da mãe, apega-se ao *objeto a* e utiliza-o como instrumento para obter o máximo de emoção e ignora sua divisão; o sujeito tem, então, a ilusão de completude, satisfação e bem-estar; é o que Lacan nomeia como fantasia e é, nessa fantasia, que o sujeito constrói, para si mesmo, o gozo, emoção obtida com manipulação do *objeto a* ao bel-prazer do sujeito. Fink comenta que o gozo é um prazer que pode estar relacionado ao sexo, à visão e/ou à violência e pode ser visto pela consciência de forma positiva ou negativa, isto é, pode ser prazeroso ou repugnante, e é esta emoção que substitui a perda da “unidade mãe-criança”. É por meio dessa fantasia que, segundo Fink, o sujeito pode obter para si uma quantidade modesta de “ser”.

Apoiando-se nesses conceitos, pode-se concluir que o sujeito lacaniano não é o sujeito do enunciado, que se refere ao discurso consciente, “portador do discurso manifesto social” (CHAVES, 2005, p.50), que tem a ilusão de ser autor de suas próprias idéias e é seguro ao afirmar “*eu penso*”, “*eu sou*”. O sujeito lacaniano refere-se ao inconsciente; diz respeito ao sujeito representado pela divisão no momento em que é invadido pelo simbólico e divide-se entre o consciente e o inconsciente. Esse sujeito surge com o processo de alienação que é o momento do registro do simbólico por meio da linguagem que é apresentada e imposta ao pequeno ser mamífero pelo Outro. Ao registrar o simbólico, a coisa natural morre; o sujeito aliena-se pela linguagem e torna-se um sujeito de linguagem. Ao mesmo tempo, o ser passa a buscar permanentemente o objeto morto, o que o torna também um sujeito do desejo, que nunca se satisfaz e está sempre em busca de algo.

Assim o sujeito que nega essa insatisfação constitutiva de todo sujeito estrutura-se como o sujeito do gozo.

### 3.3 Sujeito do gozo

Segundo Battaglia, Freud afirmou, inúmeras vezes, que, quando o ser humano nasce, o que se tem é um caos resultante de um corpo fragmentado e descontínuo, não é uma unidade comparável ao “eu” a qual só pode ser apreendida a partir de um esquema mental. Esse esquema mental, para Lacan, não é natural, mas, como já mencionado nesta dissertação, apresentado ao bebê pelo Outro antes mesmo do desenvolvimento de sua capacidade motora. Trata-se esse Outro de um portador de um tesouro de significantes, isto é, de uma instância que é feita de palavras carregadas de sentidos e que as porta até o novo indivíduo. Ao longo de toda a história do indivíduo, vários Outros o perpassarão e o constituirão, mas quem primeiro desempenha essa função é o sujeito que ocupa o lugar da mãe. Esse Outro que exerce a função materna, fornece ao bebê a imagem do corpo próprio e unificado, até então um caos, e, assim, permite que haja a instalação das experiências subjetiva e cognitiva. Por meio dessas imagens fornecidas pelo exterior – Outro materno – e que tem uma função formadora, o novo sujeito apreende os objetos do mundo.

Além da formação psíquica do sujeito e da formação de uma unidade chamada “eu”, conforme Battaglia, Freud fala de um tempo mítico, no início da vida do bebê, em que ele tem suas necessidades todas satisfeitas pela mãe e que seria o retorno a essa experiência de satisfação que o indivíduo buscaria pelo resto de sua vida, sem jamais encontrar. Lacan nomeia essa busca de *gozo* e, para ele, o Outro não só fornece a imagem ideal do corpo, como também o marca perpassando-o pela libido – pulsões sexuais - que é o que penetra, percorre e marca o corpo, sinalizando-o pela premência de ser satisfeito, deixando marcas do *gozo* do outro. Pautando-se por esses conceitos, Battaglia define o corpo como o lugar contínuo de introjeção de ideais de identificação e da sexualidade; segundo ela, o corpo é objeto do Outro,

ao mesmo tempo em que é lugar onde os objetos próprios se particularizam. Ainda segundo essa autora, a sexualidade humana não tem por objetivo natural um único e estanque propósito de reprodução da espécie nem o homem visa necessariamente ao prazer sexual sem sofrimento.

“Todo sujeito está e é chamado a ser” afirma Braunstein (2007). Para quem a invocação a invocação subjetiva feita ao sujeito obriga-o a ser. Essa invocação é feita pelo Outro que introduz o sujeito no campo da linguagem, como já visto, e a ele pede que assuma o nome que o Outro lhe deu, pede que fale e que se identifique. Nasce, assim, o sujeito da linguagem, que alcança sua existência, mas paga por ela. Esse pagamento é realizado por meio de uma renúncia, da renúncia ao gozo. Tudo o que for necessário para a sobrevivência do sujeito deve ser pago e o que se oferece como pagamento se perde e não se recupera mais. Essa perda, entretanto, é inevitável: para viver, o sujeito tem de pagar. Esse pagamento é efetuado num mercado do gozo em que a vida do sujeito se desenvolve e, nesse, como em qualquer mercado, nada se adquire a não ser pagando. O autor explica, ainda, que a transação nunca é boa: o sujeito nunca sabe se o preço é justo, mas ele precisa submeter-se a negociação e entregar algo real em troca de uma recompensa simbólica, entregar seu gozo em troca do brilho inconsciente das imagens e das precárias certezas oferecidas pelas palavras do Outro que simbolizam o gozo perdido e renunciado pelo sujeito que o entrega à exigência do Outro.

Segundo Braunstein (2007), há uma lei que regula esses intercâmbios entre o sujeito e o Outro: é a Lei do Outro, da cultura, a Lei da linguagem. Essa Lei é a imposição de limitações e perdas do gozo; é o que determina ao sujeito, por exemplo, ser bom ou ser bem educado, ou seja, o sujeito é conduzido de fora; a razão do Outro se impõe sobre o gozo do sujeito, submetendo-o à Lei do Outro, obrigando-o a desejar e a abdicar do gozo que é irrecuperável. Dessa forma, a Lei da linguagem obriga o sujeito a transformar suas aspirações ao gozo em discurso atravessado pelo social, e o corpo esvazia-se progressivamente dessa

substância. Fink (1998) explica o que acontece com essa substância, esse gozo perdido que foi sacrificado, negociado em troca de sua existência ao entrar no campo da linguagem, do simbólico: o gozo desloca-se para o Outro, é transferido para a conta do Outro como linguagem que o desfruta em nosso lugar. Explicando esse processo de outra forma,

é somente na medida em que nos alienamos no Outro e nos oferecemos como suporte do discurso do Outro que podemos compartilhar alguma parte do gozo circulante no Outro (FINK, 1998, p.126).

Conforme Fink (1998), re-encontra-se o gozo no significante, ou seja no Outro como linguagem a qual está dentro do sujeito. O sacrifício, então, está em ceder, em renunciar ao gozo para deixá-lo circular fora do sujeito, na escrita ou na fala, por exemplo, ou seja, o gozo perdido poderá ser alcançado novamente, mas somente por meio de imagens e de palavras que o colocam fora do corpo (*hors-corps*), conduzido pelo eu que o comanda com falsas promessas de recuperação. A perda do gozo, apesar de aceita, não é esquecida; ela gera a falta que circula no Outro e produz um desejo infinito de recuperação.

As leituras sobre gozo e desejo incluem um conceito necessário à sua compreensão; trata-se da definição de Coisa: termo freudiano articulado por Lacan e que, segundo Braunstein (2007), é “aquilo do real primordial que padece pelo significante”. A Coisa seria o que, no texto de Battaglia, encontra-se como caos, o real puro anterior à introdução do pequeno ser a qualquer simbolização, à linguagem e à cultura, portanto, anterior ao Outro. Trata-se do real puro apagado pela palavra, pois, conforme Braunstein (2007), qualquer representação dela a desnaturaliza uma vez que o significante funda o sujeito. Braunstein (2007) diz, ainda, que a função da linguagem é matar a Coisa, dando-lhe uma nova existência. Dessa forma, da Coisa, daquele real puro, que não conhecia obstáculos nem mercados da renúncia, ficam apenas objetos fantasmáticos que causam o desejo; do gozo do ser que fora perdido na negociação com o Outro e sua Lei, fica uma falta a ser que é o desejo. Braunstein

diz, ainda, que do gozo ficam as representações do simbólico que desnaturalizam o real prévio (a Coisa, o *infans* (Freud), *extima* (Lacan)), que passa a ser irrecuperável e inacessível. O simbolizado é o gozo perdido que ocasionou uma falta a ser que impulsiona eternamente o sujeito em busca de algo que preencha o vazio deixado no gozo pela intromissão inevitável do Outro, por ter necessariamente se tornado palavra e que só retorna na fantasia por meio do simbólico. O gozo, assim, atravessa o sujeito, passa por ele, pelo corpo e pela linguagem. Da Coisa fica apenas a fantasia, falsas imagens do real puro, objetos imaginários gerados por um mundo construído e estruturado pelo simbólico que continua sempre impulsionando o sujeito a uma busca ao real puro irrecuperável.

Os fantasmas, incluindo o da Coisa, são um efeito do sofrimento do real pela ação do significante. A simbolização, a intrusão da linguagem na carne, induz à falta a ser que caracteriza o sujeito e o lança por veredas do desejo (BRAUNSTEIN, 1007, p 78).

Assim, o sujeito vive num ciclo vicioso entre o desejo de completude (eterno, que tem a Coisa como meta absoluta) e o gozo permitido (simbolizado, posto em palavras e insatisfatório), sempre em busca do gozo proibido, perdido e irrecuperável, em busca da Coisa inacessível, objeto absoluto do desejo. Segundo Brausntein (2007) , a tendência à Coisa é a pulsão de morte como destino final de todo empenho do sujeito; o mito de uma satisfação plena é o estado de repouso absoluto após consumida a chama da vida.

Após a explicação sobre a constituição do sujeito psicanalítico, expõe-se, brevemente, a seguir sobre o momento pós-moderno e, como parte relevante à pesquisa, enfatiza-se a caracterização desse sujeito dentro de uma perspectiva pós-moderna do sujeito psicanalítico.

### 3.4 Sujeito psicanalítico na Pós-Modernidade

Exposta a constituição do sujeito psicanalítico lacaniano, discorre-se sobre os efeitos de pós-modernidade nos sujeitos contemporâneos.

Vive-se uma época de questionamentos e de inquietações de toda ordem, um momento de mal-estar que desloca o conceito do sujeito moderno. O sujeito da modernidade, centrado e ilusoriamente controlador, agora, na pós-modernidade, é um sujeito inquieto que discute o mundo e contesta verdades. Um pluralismo de idéias e de conceitos envolve o sujeito da pós-modernidade; esse processo desestabiliza o que era tido como certo e o próprio sujeito que se sente dividido e ansioso diante de uma nova ordem do discurso. Vive-se sob o efeito de um derretimento de significados e de conceitos até agora vistos como autênticos. O mundo pós-moderno incita o sujeito a questionar; detectou-se que não há nada certo, que não existem perspectivas por meio das quais algo funciona, que não há verdade absoluta e sim verdades. Em consequência dessas detecções, ocorre uma crise de identidade do sujeito que se evidencia como sujeito de linguagem, que se constrói e se revela por meio dela.

Bauman (1998), numa interpretação dos mal-estares na pós-modernidade, faz uma reflexão a respeito de ganhos e perdas da civilização, argumentando que não há ganho sem perda, pois “você ganha alguma coisa e, em troca, perde alguma coisa”. Assim, segundo ele, os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual, já os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais. Quando se precisa mais da liberdade é porque ela está sendo sacrificada em nome da segurança; quando necessitamos mais da segurança é porque ela está sendo sacrificada em nome da liberdade individual. Precisa-se mais daquilo que mais

falta. Deve-se, porém, avaliar cuidadosamente os ganhos e as perdas de modo a procurar o equilíbrio entre os dois.

Neste momento de questionamentos, ocorre um fenômeno conhecido como “Lingüistic Turn” (a virada da Lingüística), ou seja, as ciências estão se voltando para a Lingüística Pós-moderna para procurar informações e explicações na linguagem, considerando que tudo é discurso, e que todo discurso é uma palavra em movimento, é dialógico porque vem de ‘outrem’ e vai para ‘outrem’ constituindo um discurso que é constitutivo da linguagem humana. A Pós-modernidade nos diz que estamos passando de sujeitos do desejo para sujeitos do gozo (BAUMAN, 1998), pois não suporta a falta, não suporta o desejo, então, ele transforma tudo em objeto de prazer, inclusive as pessoas; o outro também é transformado em objeto de prazer. Com tudo isso, a identidade do sujeito pós-moderno está sendo descentrada, isto é, deslocada ou fragmentada (Hall, 2005).

Segundo Hall (2005), um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas e mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. (...) as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2005, p. 7).

Ser pós-moderno, conforme Máscia (2003) não é uma filiação partidária, mas uma disposição, uma atitude, uma sensibilidade de encarar e questionar o mundo à sua volta. Ser pós-moderno é discutir o estruturalismo, é não aceitar os objetos (objetos de conhecimento) da ‘verdade’ como definitivos, únicos e centrados. É desestabilizar o objeto antigo e construir

um outro objeto descentrado; é questionar as verdades, pois, para o sujeito pós-moderno, não existe nada certo. Ser pós-moderno, é desestabilizar, desconstruir e questionar. Assim, o sujeito pós-moderno é heterogêneo, é o sujeito da linguagem, construído pela linguagem, pelo discurso e, sendo assim, é pelo viés da Psicanálise que se tenta explicá-lo uma vez que o sujeito psicanalítico, como já visto, é concebido a partir do campo da linguagem, e a palavra é a via de acesso a ele, ao sujeito lacaniano do inconsciente que é estruturado como uma linguagem (ELIA, 2004, p. 20).

E, nesse contexto da contemporaneidade, Birman alerta para a pobreza de fantasiar e, portanto, de desejar, uma vez que fantasia e desejo articulam-se intimamente, o primeiro ordena e encorpa o segundo. Birman (2007) lembra que ao divulgar a tese de que o sonho é uma realização do desejo, Freud não só afirmou que o desejo está no cerne do sujeito como também alegou que é o desejo que move o sujeito, impulsiona-o e dá alento para que ele exista.

O mundo contemporâneo, imediatista, do aqui e agora, não instiga a produção do desejo. O sujeito pós-moderno é estimulado e incitado a todo o momento a buscar uma satisfação plena e imediata, o gozo.

Esse sujeito é o sujeito pós-moderno, vivendo o que Bauman (2005) chama de vida de consumo ou vida líquida em que se projeta o mundo e seus fragmentos, inclusive as pessoas, como objetos de consumo. Esses objetos, ao serem utilizados, perdem rapidamente seu poder de atração e seu valor, deixando, portanto, de ser úteis o que os torna descartáveis. O autor diz que, nessa vida líquido-moderna, a habilidade de livrar-se das coisas tem prioridade sobre a habilidade de adquiri-las: *é preciso acelerar o “alcançar”, caso se deseje provar das delícias do largar* (BAUMAN, 2005, p.8).

Nesse cenário, percebem-se implicações para as relações inter-humanas: o outro também é transformado em objeto do prazer, de onde também decorrem os relacionamentos

líquidos feitos sob medida para esse cenário da vida pós-moderna. Segundo Bauman (2003), deseja-se que esses relacionamentos surjam e desapareçam numa velocidade crescente e em volume cada vez maior, com promessas de que sejam os mais satisfatórios e completos possíveis. Birman (2005) diz que o sujeito na atualidade encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto, como um objeto a ser manipulado para seu gozo.

Resta refletir sobre que resposta a sociedade vai dar; cabe ao indivíduo marcar a diferença e não fazer coro com esse comportamento, pois, apesar dos sintomas pós-modernos, a identidade se mantém e a resposta que a sociedade pode dar depende da resposta que o sujeito vai dar.

## **PARTE II**

### **ANÁLISE DE CORPUS**

Tomando como suporte as teorias da Análise do Discurso de linha Francesa e conceitos da psicanálise lacaniana apresentados na primeira parte desta dissertação, esta parte apresentará a análise do corpus de pesquisa dividido em dois capítulos.

Um capítulo será constituído de enunciados recortados de diários de alunas de 8ª série e de suas respectivas análises contemplando a forte determinação pelo discurso religioso. O segundo capítulo será composto, por excertos extraídos de diários de alunas de 8ª série e do 1º ano do ensino médio, contemplará, entretanto, na análise, a representação que essas adolescentes fazem da afetividade e da sexualidade.

Antecedendo aos dois capítulos destinados à análise do corpus de pesquisa, o primeiro capítulo expõe as condições de produção do discurso analisado

## **Capítulo 1 Condições de produção**

As condições de produção do discurso são responsáveis pelo estabelecimento de forças no interior do discurso e mantêm com a linguagem uma relação necessária, constituindo com ela o sentido do texto.

As condições de produção do discurso fazem parte da exterioridade do discurso e são de duas ordens. Em seu sentido amplo ou condições mediatas do discurso constitui o contexto sócio-histórico, portanto ideológico que afeta a produção do discurso. No seu sentido restrito constitui a circunstância a situação de enunciação propriamente dita que afeta o discurso.

Apresentam-se, a seguir, em um primeiro momento, as condições sócio-históricas da produção do discurso de alunas dos níveis fundamental e médio sobre sexualidade; em um segundo momento, a situação imediata de produção desse discurso.

### **1.1 Condição sócio-histórica de produção do discurso**

Este item aborda o discurso da mídia e o discurso da educação sobre orientação sexual como constitutivos do momento sócio-histórico e que afetam o discurso de adolescentes do nível de ensino fundamental e médio a ser analisado. O objetivo está em promover uma reflexão sobre o poder do discurso midiático e do discurso da escola, sobre como ambos constroem a subjetividade e interferem direta ou indiretamente na formação do imaginário dos jovens que se manifestam em seus discursos.

### 1.1.1 O discurso da mídia sobre a sexualidade

É de consenso que vivemos num momento denominado Pós-modernidade. Esse termo diz respeito à desestabilização das verdades e das crenças e a um sujeito pós-moderno, psicanalítico, heterogêneo, descentrado e inconsciente, constituído ideologicamente, que não é a origem, mas o efeito e não tem controle sobre seus dizeres e seus atos. Esse conceito teve origem no fato de a linguagem passar a ser altamente significativa e ocupar um lugar central, o que a identificou como *Linguistic Turn* (Popkewitz, 1997. p.136. apud Máscia, 2003, p. 27). As ciências tomaram como centro a lingüística, procurando informações e explicações na linguagem, considerando que o homem é o que é hoje, por ter sido constituído pela linguagem. Não é mais suficiente que se saiba tudo sobre algo que não afeta o social, uma vez que o homem é um ser social. A ciência deste novo milênio é a ciência que trata das questões discursivas, e que se submete a uma nova ordem do discurso. Entre os muitos discursos podemos destacar o das novas religiões que trazem alento para a alma; os livros de auto-ajuda que promovem a reflexão e o conhecimento de si; o discurso da mídia carregado de sedução e poder; o discurso que permeia a educação para o século XXI. Como novas tendências para o ensino de línguas materna e estrangeira, considera-se a análise do discurso que visa a apontar as marcas lingüísticas do enunciado como produto histórico-social com base nas condições de produção, ou seja, nas imagens que os interlocutores fazem de si e do outro. Tudo, enfim, volta-se para a linguagem.

A televisão está presente na rotina dos adolescentes; seu discurso está ao alcance de todos em qualquer idade, e as famílias não têm tido controle sobre a programação preferida dos filhos. A vida moderna, em uma sociedade capitalista, exige muito dos pais que acabam se esquecendo da forte interferência da televisão na formação dos jovens. A imagem e a fala

são poderosos recursos de sedução e manipulação e, como explica Charaudeau (2006), a televisão é imagem e fala, fala e imagem; ambos atuam numa cumplicidade tal que não se saberia dizer de qual das duas depende a estruturação do sentido.

Em “O Discurso das Mídias” (2006), Patrick Charaudeau diz que informação, comunicação e mídias são as palavras de ordem no discurso da contemporaneidade. Segundo ele, as mídias se apossam das noções de informação e comunicação, as quais remetem a fenômenos sociais e tornam-se objeto de todas as atenções: na política, na economia, nas ciências e, na educação, cuja questão é refletir sobre o lugar que as mídias devem ocupar nas instituições escolares e de formação profissional.

Conforme o autor, a mídia é uma máquina complexa de processar informações. Seus atores, de natureza heterogênea, são responsáveis pelo funcionamento de suas engrenagens; não é um simples instrumento técnico, mas uma máquina humana, porque as instâncias de produção e de recepção que a constituem são instâncias humanas, portadoras de intencionalidade e construtoras de sentido. Sendo assim, uma máquina em que atuam múltiplos atores não permite distinguir o responsável pelo ato de informação. Charaudeau (2006) também salienta que a instância midiática não tem meios suficientes para conhecer o público ao qual se dirige – individual, coletivo e fragmentado -, não há relação de reflexo entre a instância de produção e a instância de recepção. A instância de produção visa a efeitos hipotéticos, que raramente coincidem com os efeitos realmente produzidos e reconstruídos na instância de recepção. Além disso, atua sob o efeito de uma contradição: deve transmitir a informação da maneira mais objetiva possível em nome de valores cidadãos, ao passo que só pode atingir a massa, se dramatizar a cena da vida política e social. Assim sendo, a palavra jornalística, sendo minada pela máquina a que ela deve servir e pelos efeitos que produz, é dificilmente controlável (CHARAUDEAU, 2006, P. 243).

Para Charaudeau, a informação é a transmissão de um conhecimento, por meio da linguagem, por alguém que o detém a alguém que se presume não possuí-lo. Assim, o indivíduo transformar-se-ia, passando do estado de ignorância a um estado de saber (no sentido comum) o que o tiraria do desconhecido para mergulhá-lo no conhecido. Tal proposição suscita uma reflexão sobre quem são os interlocutores nesse processo, que papel representam, quais são as intenções e interesses envolvidos, quais são os seus efeitos individuais e sociais.

O autor afirma que não importa o que se pergunte a respeito da informação, a atenção volta-se sempre para a questão da linguagem e

a linguagem não se refere apenas aos sistemas de signos internos de uma língua, mas a sistemas de valores que comandam o uso desses signos em circunstâncias de comunicação particulares. Trata-se da linguagem enquanto ato de *discurso*, que aponta para a maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social ao produzir sentido (CHARAUDEAU, 2006. p. 33).

Assim, o autor diz que a informação implica processo de produção de discurso em situação de comunicação e ressalta que a informação tomou feições particulares e que a atividade de informar transformou-se no domínio reservado de um setor particular, que são as mídias. O autor faz um questionamento sobre *que pretensão é essa de se dizer especialista da informação? Por que atribuir à informação um domínio reservado? Por que tal exclusividade?* (CHARAUDEAU, 2006, p. 34). Segundo o autor, a atividade de informar está na mira da crítica social, o que obriga seus autores a se explicarem e, por isso, as mídias estão produzindo um discurso paralelo ao da informação que justifica sua razão de ser. Em outras palavras, as mídias estão dizendo além de “eis o que é preciso saber”, “eis porque temos a competência para informar”.(CHARAUDEAU, p. 34).

As mídias, conforme Charaudeau, apresentam-se como um organismo especializado cuja função é responder à demanda social por dever de democracia; é, porém um organismo

igualmente definido por meio de uma lógica comercial em situação de concorrência e com a mesma finalidade de outras empresas. Assim, cada uma dessas empresas procura atrair o maior número de público possível e, em meio à concorrência acirrada, recorrem à sedução, o que deixa a desejar quanto à credibilidade que lhe cabe na função de “serviço ao cidadão”. É importante mencionar, ainda, que a informação, pelo fato de se referir aos acontecimentos do espaço público, político e civil, nem sempre estará isenta de posições ideológicas.

Tratando da informação na multiplicidade dos discursos, Charaudeau (2006) menciona outros discursos – propagandista, demonstrativo e didático – e os compara com o informativo, julgando-os próximos e confundíveis. Comparando o discurso informativo e o propagandista, o autor diz que ambos estão particularmente voltados para um alvo, o propagandista querendo seduzir ou persuadir e o informativo, querendo transmitir saber. Um e outro são organizados conforme hipóteses feitas a respeito do imaginário de seus alvos e, de acordo com estudos feitos sobre o impacto de campanhas publicitárias, a relação entre os efeitos a que se visa e os efeitos produzidos é bastante frouxa, muitas vezes retardada, não raro inesperada, ou mesmo contraditória (CHARAUDEAU, 2006, p. 61).

Comum também entre os discursos informativo e didático, de acordo com Charaudeau, são seus alvos, bastante amplos e não especializados. Sendo assim, esses discursos não precisam revelar uma verdade; devem somente colocá-la em evidência num quadro de inteligibilidade acessível a um grande número de indivíduos. O autor define esse procedimento como vulgarização e considera que toda vulgarização é deformante. Na atividade de explicar com simplicidade, para que a informação seja acessível ao alvo, ocorre a deformação do saber que deu origem à informação e, nisso, segundo o autor, as mídias trapaceiam. A vulgarização praticada pela TV é mais deformante do que a praticada pelo rádio ou pela imprensa, pois seu alvo é mais amplo e quanto mais amplo é o alvo, maior é a necessidade de transformação do saber (CHARAUDEAU, 2006, p. 62).

No que diz respeito à imprensa - constituída essencialmente por palavras, gráficos, desenhos, imagens fixas -, esta utiliza-se de ferramentas que a inscrevem em uma tradição escrita caracterizada por uma relação distanciada entre o emissor e o receptor. Além disso, caracteriza-se, também, pela possibilidade de se retornar sempre ao texto: quem escreve, para retificar ou apagar, quem lê, para rememorar ou recompor sua leitura (CHARAUDEAU, p. 113).

Charaudeau sustenta que a posição central que o discurso informativo ocupa confere uma posição de autoridade ao sujeito informador que procura seduzir, persuadir, demonstrar ou explicar, uma vez que ele é o detentor de um saber que o outro não possui. Esse tipo de discurso, segundo o autor, tem uma relação estreita com o imaginário do saber e com o imaginário do poder. Informar é possuir um saber que o outro ignora (“saber”), ter a aptidão que permite transmiti-lo a esse outro (“poder dizer”), ser legitimado nessa atividade de transmissão (“poder dizer”) (CHARAUDEAU, 2006, p. 63). Charaudeau afirma que toda instância de informação exerce um poder sobre o outro e que, sendo assim, as mídias constituem uma instância que detém uma parte do poder social.

No que diz respeito aos exercícios de poder dessa mídia nas constituições dos sujeitos desta pesquisa, constituição esta que se manifesta em seu discurso, observam-se informações de toda ordem que ganham o poder de discurso de verdade.

Sob o ponto de vista de um discurso oficial, é pela televisão e por meio de mídias diversas que os órgãos estatais lançam campanhas educativas sobre a sexualidade dos adolescentes e sobre as prevenções dos efeitos possíveis dessa atividade humana.

Também ganhando contornos de verdades modernas eivadas de estratégias argumentativas, os mais diversos formatos de entretenimento – de programas de auditório, de entrevistas e novelas - discutem o tema de sexualidade dos adolescentes.

Esses discursos produzem efeitos na subjetivação das adolescentes que se manifestam em seus discursos e de forma mais proeminente em diários que redigem.

### **1.1.2 Discurso da escola**

Concomitante ao discurso da mídia há o discurso da escola que se esforça para orientar os alunos e tem sobre si a responsabilidade da formação de valores nas crianças e adolescentes. Embora o discurso da escola sobre a sexualidade pudesse fazer parte da situação imediata de produção do discurso, esta dissertação optou por colocá-lo dentro das condições sócio-históricas de produção do discurso por ele se destinar a alunos em âmbito nacional já que constitutivo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Orientação Sexual é um dos temas que constituem os Parâmetros Curriculares Nacionais Temas Transversais, segundo o qual, busca-se considerar a sexualidade como um aspecto que é inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano do nascimento até a morte. Como material de apoio, orienta sobre a postura do educador e da escola ao tratar desse assunto que inclui, além de outras questões, a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis como a Aids e da gravidez precoce. Ao direcionar o trabalho da escola sobre sexualidade, os PCN abordam a sexualidade e incluem o assunto no currículo como tema transversal.

Os PCN Temas Transversais Orientação Sexual legitimam o papel do educador e delimitam sua atuação com relação ao tema sexualidade. É orientando à escola para que inclua o assunto em seu projeto pedagógico, o que implica uma definição dos princípios que deverão nortear o trabalho e uma clara explicação para toda a comunidade escolar envolvida

no processo educativo. Tais princípios regulam desde a postura diante das questões relacionadas à sexualidade e suas manifestações na Escola até a escolha de conteúdos a serem desenvolvidos junto aos alunos.

Os PCN apontam para a crescente discussão acerca da inclusão da temática da sexualidade no currículo das escolas de ensino fundamental e médio, desde a década de 70. A mudança comportamental dos jovens nos anos 60, o movimento feminista e as idéias de grupos que pregavam o controle da natalidade incidiram sobre a necessidade de se repensar o papel da escola e dos conteúdos. Nos anos 80, a preocupação com a gravidez indesejada na adolescência e com a AIDS contribuiu para o aumento dos debates em torno do assunto, e detectou-se, na década de 90, que a maioria das famílias eram favoráveis à inclusão da orientação sexual no currículo escolar.

Segundo os PCN Orientação Sexual, muitos agentes sociais e milhares de estímulos fazem parte do processo de desenvolvimento da sexualidade, que se manifesta em todas as faixas etárias. Afirma-se que é no espaço privado que a criança recebe com maior intensidade as noções a partir das quais vai construindo e expressando sua sexualidade. Todas as pessoas no ambiente familiar, no escolar e, nos outros, que convivem com a criança também a influenciam e passam-lhe conceitos que se incorporam à educação sexual. É inegável a influência exercida pela mídia que, por meio de suas múltiplas manifestações, ajuda a moldar visões e influencia fortemente o comportamento de crianças e adolescentes, possibilitando a produção de conceitos e explicações tanto distorcidos quanto fantasiosos.

O amadurecimento sexual na puberdade promove uma grande atividade hormonal e glandular, colocando a sexualidade em primeiro plano na vida e no comportamento dos jovens. Como comentado, nos PCN, o sexo toma um caráter de urgência, é o centro de todas as atenções, está em todos os lugares: na família, no comportamento dos pais, nas expressões, gestos, proibições; na escola, na gravidez da professora, nas piadinhas, nas atitudes, nos

apelidos maldosos; na televisão, nas novelas e programas variados; na rua, em diversas circunstâncias. Enfim, em todos os espaços freqüentados pela criança e pelo adolescente, a sexualidade se revela e é impossível privá-los disso.

Em decorrência dessa exposição à sexualidade de si e do outro, torna-se naturalmente intensa a curiosidade a respeito do assunto, o que é significativo para a subjetividade, na medida em que a criança ou o adolescente se relaciona com o conhecimento das origens de cada um e com o desejo de acesso a essas informações.

Os PCN atribuem à escola o papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar e que englobe as diversas dimensões do ser humano. Sugerem que cabe à escola desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa, abordando diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade, para auxiliar o aluno a construir um ponto de auto-referência, e complementar a função da família. Propõem, ainda, que a escola reflita com os alunos sobre as repercussões das mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pelas demais instituições da sociedade. Com isso, pretendem preencher lacunas nas informações que a criança e o adolescente já detém, possibilitando, dessa forma, a formação de opinião a respeito do que lhes é ou foi apresentado. Os PCN orientam, ainda, que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem invadir a intimidade e o comportamento do aluno ou do educador.

Como se pode perceber, a disputa é desigual, pois a escola luta sozinha contra os intensos e sedutores discursos de concorrentes como televisão e revistas. O discurso da escola, por mais resistente que seja, está enfraquecido, devido às condições do contexto de produção, entre elas, o longo e estafante período de trabalho dos professores que não têm garantido o tempo necessário para planejamento de atividades, pesquisas e providências de materiais que sejam atraentes aos alunos. Assim, o conteúdo acaba sendo transmitido precariamente por

meio de estratégias improvisadas e maçantes que geram o desinteresse dos alunos. Além disso, há muito que se discutir sobre toda estrutura física, humana e pedagógica da escola para que os objetivos pretendidos sejam atingidos com sucesso. Nessa disputa pela atenção do adolescente, a mídia tem se mostrado mais competente. Enquanto a escola enfrenta dificuldades de naturezas diversas, a instância midiática de informação mostra-se financeiramente poderosa e, segundo Charaudeau (2006), conta com uma estrutura organizada que compreende vários atores que contribuem para fabricar uma enunciação cuja intencionalidade corresponde a um projeto comum e que representa a ideologia do organismo de informação. Dessa forma, tem desempenhado “bem” seu papel de fornecedor de informação e de propulsor dos desejos de seu público-alvo.

É prudente considerar o que afirma Charaudeau quanto às contradições que minam a informação midiática. O maior número possível de cidadãos deve ter direito ao acesso à informação que deve ser digna de fé; devem também poder manifestar suas opiniões e tê-las divulgadas por intermédio das mídias. No entanto, sabe-se que os cidadãos não detêm as mesmas condições de acesso à informação, que suas fontes são diversas e suspeitas de tomada de posição parcial. Deve-se considerar, ainda, que a forma de relatar a informação possa atender a princípios de dramatização deformante com conseqüências diversas. Charaudeau ressalta, ainda, que a verdade não está no discurso, mas somente no efeito que produz, e este escapa à intencionalidade de seu autor, pois o fato real sofre uma série de transformações, desde o seu acontecimento, quer seja pela ação dos intermediários que o relatam, quer seja devido ao processo ocorrido dentro da máquina de informar em que a informação passa por filtros construtores de sentido.

Tendo sido expostas as condições sócio-históricas de produção do discurso das adolescentes de séries finais do nível de ensino fundamental e séries iniciais do nível de

ensino médio de escolas da rede pública de ensino formal, passa-se, no próximo item, a oferecer a condição ou situação imediata da produção dos diários por essas alunas.

## **1.2 Situação imediata de produção do discurso**

### **1.2.1 Os sujeitos de pesquisa**

Os sujeitos pesquisados estudam na oitava série de uma escola municipal da cidade de São José dos Campos, situada no interior do estado de São Paulo. Essa unidade escolar se localiza num bairro da zona sul conhecido como Campo dos Alemães que tem um histórico de violência, devido a crimes relacionados ao tráfico de drogas. Trata-se de um bairro cujos moradores foram transferidos de uma favela. Embora seja inquestionável que os governos que se sucederam têm-se preocupado com a urbanização das moradias irregulares, a transferência da mencionada favela apenas afastou seus moradores de uma área que se potencializava como nobre.

Conforme relatos de professores que atuam em escolas do local há mais tempo, a situação do bairro melhorou muito. Uma das explicações possíveis para essa melhoria é a pavimentação das ruas, favorecendo e agilizando a intervenção policial. Além disso, percebe-se que, na região sul, que engloba este bairro, há várias escolas próximas, algumas das quais construídas recentemente, mais precisamente nos últimos sete anos; há indícios de que essas escolas são utilizadas como ferramenta de controle da população porém, o estigma da

violência ainda lhe é patente. As marcas desse histórico de violência são evidentes na fala de pais de alunos que se sentem discriminados.

Em 2007, a pesquisadora desta dissertação ministrou aulas de Língua Portuguesa a três oitavas séries e uma sétima. Na sétima série, percebeu-se a rebeldia e o interesse pela sexualidade, namoro, cochichos, palavrões considerados obscenos, na maioria das vezes, relacionados ao sexo. Na oitava série, a sensualidade das meninas era ainda mais acentuada e algumas delas demonstraram interesse pelos assuntos relativos a sexo, pontuando detalhes bem peculiares. No início do ano, já havia duas meninas grávidas e uma com um filho de um ano e meio. Esta estudou até março e evadiu; as outras tiveram seus bebês: uma em maio e que também evadiu; a outra em junho e que ainda não retornou. No final de setembro, informou-se oficialmente da gravidez de uma terceira menina. Além desses casos, muitas alunas contam sobre amigas do bairro que estão grávidas. Houve dois casos de meninas que mentiram sobre estarem grávidas.

Outro fato que chamou a atenção foi a postura das alunas que eram ativas sexualmente: elas eram líderes na sala, agiam com desenvoltura, com liberdade de vocabulário e gestos; usavam roupas mais ousadas que as demais meninas e demonstravam-se seguras de si. Os colegas pareciam ter certo receio delas e as respeitavam.

Os dados para esta análise foram coletados de redações produzidas por meninas durante desenvolvimento de atividade de produção de texto no estudo do gênero diário. Depois de tê-los informado sobre o tipo de texto e suas características, solicitou-se que os alunos (meninas e meninos) escrevessem sobre si, sobre sua rotina, suas atividades, família, colegas, relacionamentos, desejos, sonhos, lazer, sexualidade, etc. Observaram-se três situações distintas: algumas meninas realizavam as atividades e entregavam-nas sem muitos problemas, outras realizavam com cuidados, inclusive falando que não poderiam contar sobre determinados assuntos e outras simplesmente não as realizavam. Uma das meninas que não

realizara por ocasião da primeira proposição, solicitou que, em outra ocasião, os professores deveriam falar mais sobre sexualidade e, talvez pelo fato da pesquisadora e professora ter informado à sala sobre a pesquisa, interpelou-a a respeito de assunto de ordem especialmente privada. Trata-se de uma aluna líder e respeitada na sala; por essa razão, a pesquisadora teve o cuidado de, já no início do ano, conquistá-la. Essa aluna não se manifesta, mostra-se preocupada em relatar suas reflexões; revelou-se, enfim, interdita.

Considerando-se que, no bairro, há instituições de saúde que desenvolvem programas educativos sobre a prevenção da gravidez precoce e que, na escola, também são ministrados conteúdos relacionados à sexualidade e que realizados projetos sobre orientação sexual, como se explicaria o aumento do número de gravidez precoce constitui o problema de onde partiu esta pesquisa.

Dada a hipótese norteadora de pesquisa de que as adolescentes engravidavam porque suscitadas pelo momento sócio-histórico pós-moderno elas atendiam imediatamente a seus desejos, procurou-se obter pela proposição do ensino de diário suscitar uma atividade pela qual falassem de si e permitisse compreender se eram afetadas pelo pensamento pós-moderno.

No item a seguir discorreu-se sobre as características do diário e sua potencialidade como atividade que propicia a escrita de si, segundo uma perspectiva discursiva de escrita.

### **1.2.2 O material de pesquisa**

O item que ora se inicia tem como objetivo apresentar concepções teóricas que servem de apoio para a caracterização e utilização do diário. Além da exposição de um percurso histórico, serão abordados aspectos sobre a importância da linguagem e da escrita de si como

processo que engendra o sujeito. Serão expostas as características do diário, especificando o diário íntimo, objeto de interesse desta pesquisa e, ainda, será considerada a atual e intensa difusão do intimismo e suas implicações na sociedade contemporânea.

Os conteúdos de linguagem interferem na constituição de cada um e são inerentes à constituição do sujeito. A linguagem pode lesar ou auxiliar o indivíduo, consertar e favorecer ou dificultar e impedir situações.

A esse respeito, Coracini (2002) esclarece que a leitura e a escrita, desde que tomadas como produção de sentidos, caracterizam-se como uma escritura, e esta é um meio de extravasar a subjetividade, permitindo a emersão de fragmentos do inconsciente e a vivência de experiências de felicidade que, conforme Freud (1930, apud CORACINI, 2002, p. 126), é *“o que nos faz viver, nos impulsiona para frente, para a ação, para o relacionamento humano”*.

A escrita, uma das manifestações da linguagem, é resultado dos múltiplos contatos do sujeito com os vários outros com quem ele convive e de suas experiências de vida. No texto, que é heterogêneo e constitutivo, o sujeito autor manifesta o efeito dessas experiências que foi *transformado no próprio corpo daquele que se exprime ao exprimir-se* (CORACINI, 2002, p. 127). Foucault assim define o ato de escrever: Escrever é (...), portanto, “mostrar-se”, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro (FOUCAULT, 2004, p. 156).

### **1.2.3 O diário e a escrita de si**

Na investigação da origem do diário, encontra-se, em Foucault (1983, 2004), indícios para uma possível explicação dessa narrativa de si mesmo. No texto intitulado “A Escrita de

Si” (1983), Foucault resgata o mais antigo dos trabalhos sobre a escrita espiritual, *A Vita Antonii* de Atanásio, para expor sobre o papel da escrita no domínio e na educação de si antes do cristianismo. Segundo o autor, a escrita constituía uma etapa essencial do processo que conduzia ao exercício espiritual em busca da plenitude da vida moral. Nessa obra, segundo Foucault, Santo Antônio descreve sua prática de recomendar aos monges que escrevessem sobre seus pensamentos e suas ações cotidianas, pois considerava esses registros indispensáveis à vida ascética. O propósito era de que, ao se confrontar com esses registros, o monge se obrigaria a reconhecer seus pensamentos impuros e deles teria vergonha. Para não ter vergonha, deixaria de tê-los e, portanto, deixaria de pecar. Dessa forma, o caderno de notas do asceta atuaria como um olhar vigilante que preserva o monge do pecado, ao imputar-lhe o constrangimento. Foucault ressalta que o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, suscitando o respeito humano e a vergonha.

A escrita exerceria, ainda, o papel da confissão ao revelar os movimentos da alma, seria uma confissão escrita com o valor de purificação: diante da fraqueza humana de se deixar conduzir por pensamentos imorais, esses seriam revelados – confessados - nas anotações. A escrita, assim, alertaria o indivíduo sobre os movimentos desses pensamentos e dissiparia a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo.

Para explicar a escrita como elemento de treinamento de si, Foucault resgata uma expressão que se encontra em Plutarco: a escrita tem uma função *etopoiética*, ou seja, *ela é a operadora da transformação da verdade em êthos* (FOUCAULT, 2004, p.147). Para exemplificar essa função, o autor cita duas formas de registros: os hypomnêmata – registros que servem de lembretes – e a correspondência. Foucault cita Sêneca que se refere ao ato de escrever, advertindo que, “*ao se escrever, se lê o que se escreve, do mesmo modo que, ao dizer alguma coisa, se ouve o que se diz*”. A carta, por exemplo, age sobre aquele que a escreve e sobre aquele que a recebe. Se o remetente aconselha, consola ou faz advertências, o

ato de escrever o fortalece na execução dessas mesmas práticas, assim como fortalece o destinatário que se encontra fragilizado. Este, por sua vez, à medida que se fortalece, devolve o conselho e as advertências, num processo inverso, o que não permite que a assistência espiritual permaneça num sentido único. Dessa forma, Foucault salienta que, ao advertir ou aconselhar o outro, o sujeito se manifesta para si mesmo e para os outros, tornando o escrever uma forma de “se mostrar”, se expor, se fazer presente ao outro.

O que foi exposto permite o estabelecimento de uma analogia com a escrita diarista. O caderno de notas do monge, nada mais é que seu diário íntimo servindo-lhe como exercício espiritual, também, assemelhando-se à missiva, porém para um interlocutor imaginário. Pode-se definir o diário como a escrita de si para si mesmo que substitui a conversa e a carta; o diário representa um instrumento de desabafo solitário para um interlocutor imaginário.

Analisando os blogs, Uyeno (2004) encontra, no dispositivo da confissão, a explicação para a suposta exposição da intimidade na rede. Da análise de vários diários virtuais, a autora conclui que o sujeito que escreve o blog não pretende expor a intimidade, mas deseja saber mais sobre si.

Como objeto de investigação, encontra-se no diário íntimo o que Foucault (1993, apud Uyeno, 2004) define como um dos rituais mais importantes de que se espera a produção de verdade: a confissão. Segundo Foucault, a partir do século XVII, esse ritual passou a constituir a tarefa de dizer, de se dizer a si mesmo e de dizer a outrem tudo sobre si, o que implica num exame de consciência do indivíduo que revela aspectos não pretendidos pelo confessando. É nesse sentido que, conforme Uyeno (2004), a confissão permite o acesso à própria subjetividade, possibilitando o conhecimento sobre si.

Ao afirmar que é no contexto de um dado discurso que se pode falar de identidade, Uyeno (2004) permite considerar que a identidade do diarista se constitui, entre outros fatores, por meio de seus registros diários, pois ao escrever sobre si, o sujeito se constitui.

Nessa prática de escrever sobre si, ocorre uma ação reflexiva que Larrosa (1994) explica: ao falar da contingência da experiência de si, o autor menciona os termos utilizados no vocabulário pedagógico e que implicam algum tipo de relação do sujeito consigo mesmo como por exemplo “autoconhecimento”, “auto-estima”, “autocontrole”, “autoconfiança”, “autonomia”, “auto-regulação” e “autodisciplina”. O autor diz que todos esses termos se consideram como antropologicamente relevantes, na medida em que designam componentes que estão mais ou menos implícitos naquilo que, para nós, significa ser humano: ser uma “pessoa”, um “sujeito”, ou um “eu”. Larrosa afirma que é como se a possibilidade de algum tipo de relação reflexiva da pessoa consigo mesma, o poder ter uma certa consciência de si e o poder fazer certas coisas consigo mesma, definisse nada mais e nada menos que o ser mesmo do humano.

#### **1.2.4 O diário e a difusão do intimismo**

Além do caráter confessional e espiritual, o diário assume ainda um caráter intimista. Conforme Machado (1998), que estuda os diários sob a perspectiva de gêneros textuais, autores que têm trabalhado com o diarismo são unânimes em afirmar que é a partir do século XIX que o gênero se impõe, em decorrência de mudanças históricas e sociais ocorridas na época. As contradições existentes no período tais como a divulgação dos princípios de liberdade e de igualdade diante de um contexto cotidiano antagônico no qual os indivíduos se confrontariam, teriam conduzido o indivíduo a se questionar sobre sua própria identidade e, diante desse conflito interior, procuraria resolvê-lo por meio da escrita do diário. Além disso, a autora (citada nesta dissertação por constituir um dos raros trabalhos que se destinam ao

estudo do diário), citando Lourau (1988), menciona uma ruptura de ordem temporal tradicional ocorrida na época, o que teria motivado o hábito do diarismo não só como uma forma de recuperação dessa ordem, mas também como uma forma de fazer a historização de si mesmo.

Em sua pesquisa, Machado já alertava para a intensa divulgação do intimismo, da exposição do privado em diferentes gêneros e linguagens por meio de diferentes veículos de comunicação. Atualmente, como se pode perceber, há uma evidente exacerbação da exposição e da invasão da privacidade. Alguns indivíduos se expõem em troca de dinheiro e fama, outros têm sua privacidade invadida de modo hostil para saciar a fome da mídia que visa a vitória na corrida acirrada pela audiência.

Numa sociedade capitalista selvagem que modela comportamentos e em que o sujeito é instigado ao consumismo, a intimidade das pessoas tornou-se objeto simples e banal de consumo vendido às grandes massas. Exemplo maior dessa evidência está no investimento da TV aberta nos “reality shows” que, nos últimos anos, têm representado sucesso absoluto no horário nobre. Esse tipo de programa lembra o panóptico de Foucault, onde tudo é observado; as imagens são consumidas por olhares que se deleitam, ao assistir à privacidade alheia. A ética parece ter perdido o sentido e a sexualidade está tão banalizada que já perde a expressividade. Ambas estão tão fortemente transgredidas em seus significados que o sujeito pós-moderno já não as considera e elas sobrevivem apenas nos discursos oficiais.

As contradições a que se referiu Machado parecem estar presentes novamente: entre outras imagens, observa-se que a de liberdade e de igualdade exibida pela mídia se choca com uma realidade em que a mulher continua sendo discriminada e maltratada, além de ter sua imagem à venda como objeto de consumo e de prazer para saciar os anseios de outros que as observam, julgam, condenam ou admiram.

Simultaneamente a essa exposição da intimidade, o número de livros com formato de diário também aumentou. Além dos já consagrados, mas ainda muito citados “O diário de Anne Frank”, “O diário de Zlatta”, Moroni (2005) faz algumas citações relevantes: “O diário de um mago”, de Paulo Coelho (Rocco, 1987); “O diário de um detento”, de Jucenir (Labortexto, 2001); “O diário da princesa”, de Meg Cabot (Record, 2002); “O diário de Bridget Jones” (Record, 1998), além de outras obras que relatam particularidades da vida de pessoas que se tornaram referência em sua área ou de celebridades instantâneas como é o caso de Ayrton Senna e Dinho (Mamonas Assassinas). Segundo Moroni (2005), que pesquisou sobre livros não-ficcionais cujos conteúdos se apresentam com aspectos formais de um diário íntimo, esse tipo de livro é bastante procurado pelo público e tem, no contexto em que a obra se insere, maior relevância do que a qualidade dos registros.

Para Moroni (2005), se analisadas as obras que contenham a palavra “diário” em seus títulos pode-se perceber que tais obras constituem narrativas, romances ou se trata de mera ficção. Afirma, ainda, que essas obras não apresentam o menor traço das anotações feitas dia após dia, geralmente datadas e em tom confessional, que caracterizam o diário íntimo. Tendo detectado esses aspectos, a autora considera importante ressaltar duas características desse gênero: a questão temporal e o pacto de sinceridade estabelecido pelo diarista.

No que diz respeito à questão temporal, Moroni destaca uma particularidade, aparentemente pouco importante, mas que somente é atribuída ao diário: o calendário. Segundo ela, a identidade do diário está na temporalidade de sua escrita, já que “um diário se escreve com o passar do tempo; é muito diferente de todas as autobiografias, memórias e outros parentes próximos do gênero” (SENAY, 1997, apud MORONI, 2005). Apesar de não ser obrigatório o uso da data no início, as anotações devem obedecer a uma ordem cronológica dos acontecimentos ou das reflexões. Esse é um dos aspectos que diferenciam o diário íntimo do diário ficcional.

Machado (1998) adverte para o fato de que a produção diarista vem se constituindo objeto de discursos múltiplos que a abordam sob vários aspectos - literário, metodológico, científico, educacional. O diário, nos seus vários aspectos, vem sendo tomado como objeto de estudo para buscar verdades, fazer questionamentos e, na esfera educacional, para ser utilizado como instrumento de ensino e aprendizagem.

### **1.2.5 O diário e a adolescência**

Observa-se que, atualmente, as meninas utilizam seus diários para registrar desde acontecimentos excepcionais e inesperados a fatos corriqueiros; elas desenham, colam fotos, bilhetes, cartas, letras de músicas, algumas fazem anotações e reflexões diárias, outras eventualmente. Algumas adolescentes atribuem à agenda a função de diário, evidenciando assim a transposição do antigo para o moderno, ou ainda a preservação do tradicional, porém com uma inspiração moderna, visto que o mercado oferece imensa variedade desses objetos de registro que inevitavelmente seduzem o adolescente tanto são os apelos emocionais.

Analisando o diário das adolescentes, que é o foco deste trabalho, percebe-se o caráter sócio-histórico do gênero, uma vez que os registros estão relacionados a situações sociais: as meninas denunciam suas angústias e frustrações, pensamentos, desejos e alegrias. Machado inclui o diário entre os gêneros íntimos e diz que esses “possibilitam que o locutor apresente seu mundo subjetivo, com a expressividade e a franqueza peculiares a esses estilos” (MACHADO, 1998, p. 11). O diário íntimo apresenta-se com um estilo livre e criativo, refletindo a individualidade de quem escreve em que o autor pode escrever de tudo ou silenciar.

Este gênero parece agradar às adolescentes por possibilitar o que, segundo Pereira e Werlang (2004) representa a particularidade do diário tradicional, a privacidade, condição tão cobiçada pelos jovens que resistem aos questionamentos e a exposições de seus pensamentos. Ao pesquisar sobre o diário tradicional, Pereira e Werlang (2004) entrevistaram alguns sujeitos pesquisados com relação à divulgação de seus relatos e comprovou essa particularidade do diarismo. O diarista deposita no diário, seu interlocutor, intensa confiança e espera que sua intimidade esteja preservada. Nesse estudo, o autor dos relatos revela ainda que se sentiria muito envergonhado e extremamente exposto, caso alguém os lesse ou divulgasse.

Destaca-se aqui, o estudo de Poulou (1993, apud MACHADO 1998) que analisou diários de adolescentes e os considerou como lugar secreto onde seria possível registrar o que a autocensura se encarrega de esconder, como por exemplo a busca de uma verdade num espaço de liberdade, um meio de se passar da desordem interior à ordem. Além disso, os diários apresentariam um caráter simbólico da mudança que se opera na personalidade durante a adolescência, e a sua produção representaria um instrumento de acesso ao conhecimento de si.

Canetti (1965 apud Machado 1998, p. 31) assinala que, numa concepção psicológica, o aspecto positivo da manutenção do diarismo, seria o de possibilitar a fala consigo mesmo ou com outro “eu”. Para outros autores, ainda segundo essa concepção, o diário seria um instrumento que possibilitaria a satisfação da necessidade do ato de escrever, sendo este compreendido como uma forma de tranquilização do sujeito produtor que, percebendo-se fragmentado, tenta sua unificação.

Além dessa representação do diário como um instrumento voltado para objetivos psicológicos pessoais, conforme Machado, pode-se perceber outra concepção do texto diarista como produção voltada para o outro. Nessa concepção, a produção diarista se justificaria pelo

desejo de deixar um registro às gerações futuras, quer seja como documento de vida, quer seja como modelo do processo de construção de uma obra.

Para caracterizar o diário, Machado (1998), alerta para a freqüente referência ao diário como discurso e cita Barthes (1979) que considera esse gênero não como um texto, mas como uma *espécie de fala escrita*. Ao examinar a situação de produção, a autora adverte para o fato de não ser o diário um tipo de texto produzido na vida pública, nas instituições, por esse motivo, sofre menos restrições, o que permite relativa liberdade à produção diarista. Em primeiro lugar, observa-se que o autor do diário escreve para si mesmo, podendo adotar, conforme o momento, periodicamente ou cotidianamente, uma determinada posição dentre as várias que ele cotidianamente ocupa, ou seja, na escrita diarista, pode-se assumir qualquer posição: mãe, professora, pesquisadora, filha; pode-se ainda combinar essas posições ou ainda inventar outras. Dessa forma, esse tipo de registro íntimo apresenta grande liberdade de expressão e seus objetivos podem não ser claros nem são predeterminados, pois variam conforme a situação e o indivíduo que o escreve.

A liberdade atribuída à escrita do gênero se revela, também, pelo fato de não haver, normalmente, um destinatário empírico que interfira no enunciado, o que permite ao texto ficar sob a responsabilidade apenas do autor que não deixa marcas de segunda pessoa.

Conforme expõe Lejeune (apud MACHADO, 1998, p. 25), o diarismo teria origem exatamente nessa ausência do interlocutor, uma vez que “*o diário está no lugar da carta, e a carta no lugar da conversação. Aos outros, falamos; quando eles não estão mais lá, escrevemos a eles; quando não se tem mais a quem escrever, escreve-se a si mesmo, e é isso o diário*” (MACHADO, 1998, p. 25).

Há, contudo, a presença de um interlocutor imaginário em situações de manifestação da subjetividade, que funcionam como uma espécie de réplica ou de desdobramentos de relações discursivas. Machado explica que a ausência empírica do outro nos textos diaristas

pode provocar o quase total “esquecimento” de um interlocutor possível ou a acentuação de uma presença imaginária. Quando isso ocorre, o diarista considera o interlocutor como um destinatário ideal e o coloca no lugar de um confidente ou se dirige a um destinatário não presente, aspecto esse que permite fazer analogia com o caderno de notas dos ascetas.

Machado ainda alerta que o gênero pode se confundir com a correspondência nos casos em que são anexadas cartas aos diários, como se percebe no diário de adolescentes, ou em situações em que são utilizadas como meio de comunicação entre pais e escola.

No diário das adolescentes analisados para este trabalho, observou-se que as meninas anexam fotos, bilhetes e cartas, muitas vezes, cuidadosamente dobrados, escrevem letras de músicas, escrevem recados às colegas, recebem respostas, opiniões, declarações de carinho e amizade e fazem registros em código.

Outra característica desse gênero é a heterogeneidade que se mostra desde os indícios que indicam a existência ou não de um destinatário imaginário até a exposição dos referentes possíveis de figurar nesse tipo de enunciado. Segundo Didier (1976 apud MACHADO 1998, p. 28), o diário pode se abrir a não importa o quê, uma vez que ele não conhece regras ou limites verdadeiros.

Outro aspecto a ser observado seria com relação à estética que, por não sofrer restrições, permite diversificadas elaborações para todo tipo de registro.

Quanto à estrutura, Machado (1998) aponta a fragmentação, a descontinuidade, a heterogeneidade de conteúdos e de tratamento dos parâmetros da situação de comunicação e a ausência de modelos fixos como conceitos-chave que caracterizam os textos diaristas.

## **Capítulo 2 Análise do corpus propriamente dita**

### **2.1 Efeitos de sentido de afetividade e de sexualidade**

Este capítulo constitutivo da parte da dissertação relativo à análise do corpus de pesquisa apresenta a análise dos efeitos de sentido da sexualidade que se manifestam em diários de alunas do nível de ensino fundamental.

Mais especificamente, analisou-se um corpus constituído de textos obtidos a partir da solicitação para que as meninas se manifestassem, por meio da escrita do diário, com relação ao namoro, sexo, gravidez e virgindade.

Para se ter acesso aos efeitos de sentido de sexualidade, recortaram-se dos discursos produzidos pelas alunas, em textos do gênero diário, as regularidades discursivas, isto é, os dizeres sobre relações afetivas e sobre sexualidade que se repetiam, procedimento metodológico central da ADF.

Apresentam-se, a seguir, as análises de excertos de textos selecionados dos inúmeros que se apresentaram com regularidades discursivas.

Em um primeiro momento, analisam-se as regularidades discursivas que se mostraram fortemente perpassadas por discursos de religião e da família. Num segundo momento, analisam-se regularidades discursivas que remetem a sujeitos do gozo, à deriva, no que diz respeito à construção de sua identidade sexual.

## 2.2 Diário e sujeitos do desejo

Este sub-capítulo de análise do corpus constituiu-se da regularidade discursiva no que concerne ao que as alunas pensam sobre sexualidade e sobre afetividade.

Analise-se o ED1 (doravante excerto de diário) da aluna (doravante A) 1:

### ED 1

*A1: Sou evangélica por isso eu acho que sexo antes do casamento é pecado, e só trás maldição pra nossa vida, essas meninas que fazem sexo com seu namorado ou principalmente ficante já não tem tanta valorização, já escutei meus amigos falando de meninas que fazem sexo logo de primeira, e a fama dessas meninas não é boa então eu penso que além de pecado é uma desvalorização pra esse tipo de menina, sou virgem e eu acho que mesmo se eu não fosse evangélica eu ia ser virgem a fama dessas meninas é muito ruim principalmente nesse assunto. O rapaz gosta de menina mais comportada e menina que tem fama ruim pra eles é só “pega” e depois de ter aprontado jogar fora.*

Como já pressuposto de que A1 apresenta um discurso muito determinado pelo interdiscurso, revelando sua formação religiosa e atribuindo a ela sua convicção de que o sexo é reservado para depois do casamento, caracterizando uma regularidade desta categoria discursiva e denunciando sua constituição por meio do discurso religioso. Notam-se, na materialidade lingüística do discurso, fortes marcas que remetem a formação discursiva

religiosa como *pecado*, *maldição*, palavras carregadas de sentido que constituem o discurso e as atitudes da aluna. A1 enuncia sobre o sexo antes do casamento como uma violação aos princípios determinados pela Igreja, como uma transgressão que traz castigo, desgraça e infelicidade.

Note-se, ainda, que o discurso de A1 encontra ressonância do discurso religioso e moral no dizer dos meninos e o traz para o seu discurso, como se observa na denúncia que faz em *já escutei meus amigos falando* e, pautando-se pela fala dos meninos, determina sua opinião – o outro é quem diz quem eu sou -, o que pensa das meninas *ficantes* ao reproduzir as expressões *desvalorização pra esse tipo de menina* e *a fama dessas meninas é muito ruim*. A1 mostra-se fortemente constituída pelo dizer dos meninos.

Traz, ainda um discurso de memória, um discurso de que se perdeu a origem, o discurso da penalização da jovem que agisse de forma diferente da esperada pela sociedade. Toma para si as palavras dos outros, atribuindo às meninas o que é dito socialmente sobre elas, isto é, revela-se conduzida a pensar sobre as meninas de acordo com padrões morais já instaurados socialmente.

Revela, entretanto, a heterogeneidade de sua constituição, ao afirmar *eu acho que mesmo se eu não fosse evangélica eu ia ser virgem*. Ao dizer *sou virgem e eu acho que mesmo se eu não fosse evangélica eu ia ser virgem*, A1 atribui novamente à sua concepção religiosa o motivo de ser virgem, como se ela dissesse “sou virgem porque sou evangélica”. Por outro lado, ao não conseguir conter a elocução *eu acho que mesmo se eu não fosse evangélica eu ia ser virgem*, demonstra não deixar de ser constituída pelos procedimentos do momento aos quais tem acesso por intermédio dos meninos que lhe relatam sobre meninas que se relacionam sexualmente *logo de primeira*. O emprego da expressão *eu acho*, com o sentido de eu suponho, que recai sobre *mesmo que eu não fosse*, resulta em uma convicção abalada que é reforçada pelo uso do tempo futuro do pretérito sob o tempo pretérito

imperfeito de *eu ia ser virgem*. A1 emprega a forma verbal *ia* no sentido de *iria*, ou seja, denuncia a incerteza como efeito de seu dizer.

O que se percebe, enfim, é que, apesar de A1 afirmar ver, na religião, o alicerce de suas convicções, ela admite a possibilidade de que poderia não se manter virgem. Seu discurso se constitui, na verdade, com relação ao discurso das meninas não-irgens, às quais considera que têm má fama, devido ao comportamento considerado moralmente negativo. A1 parece considerar que não deve ser como *essas meninas* e revela a intenção, ainda que não resoluto, de permanecer virgem e de ser *mais comportada* para ter boa fama, porque *o rapaz gosta de menina mais comportada*. Essa passagem do discurso de A1 revela uma heterogeneidade mostrada ao trazer, para o seu discurso, o dos meninos.

O ED1 revela-se, assim, um dizer heterogêneo que remete a um sujeito constitutivamente heterogêneo. A1 revela-se, embora cindido entre ser o que postula a Igreja e o que postulam as várias vozes do mundo contemporâneo, um sujeito desejante, um sujeito que se interdita, pois tem uma imagem sobre si, construída pela Igreja, pela família e pelos amigos, revelando desejar o desejo deles por ela.

Analise-se, em seguida, o ED2 de A2:

## **ED 2**

**A2:** *Namoro - Acho que o namoro é uma sensação deliciosa, quando se é usado com sabedoria e idade que o homem ou a mulher já tenha um amadurecimento de escolher o tipo de pessoa que você deseja passar o resto da sua vida. Para mim as pessoas do mundo de hoje não entendem o sentido da palavra “namoro”. Não sou especialista mas pelo o ensinamento dos meus pais e da minha igreja, tenho idéia que o namoro serve para “conhecer” o jeito da pessoa, não para “relações sexuais” ou até mesmo “filho” fora da idade ou casamento.*

*Sexo - O sexo para mim só terá importância depois do casamento.*

*Gravidez – a mesma coisa só terá importância depois do casamento. Não adianta ter filhos fora, além de dar problemas mais cedo, não é abençoado por Deus (pois Deus ama o que é correto, mas perdoa quem e arrepende).*

*Virgindade - Para mim é importantíssima, se Deus me ajudar, creio que até o meu casamento prosseguirei com ela.*

A2 afirma considerar o namoro como algo agradável, mas apresenta condições para que seja dessa maneira, ao dizer *quando se é usado com sabedoria e idade*, enunciado em que se revela determinada pelo esquecimento número um e profere um dizer de ordem interdiscursiva, que pré-existe ao seu dizer. Perceba-se como A2 se refere ao namoro: ela enuncia considerar o tempo e o modo para ele acontecer e emprega o verbo ‘usar’ como se o ato de namorar fosse um objeto de uso, permitindo o pressuposto de que, assim como um objeto, pode ser trocado ou substituído por outro de maior interesse. Além da idade, A2 coloca a condição da *sabedoria* para que o namoro seja *delicioso*, atribuindo à sabedoria o sentido de *amadurecimento*. Assim, quando menciona a idade como *idade que o homem ou a mulher já tenha um amadurecimento*, atribui a essa condição a responsabilidade pela escolha acertada de um companheiro definitivo, no enunciado *escolher o tipo de pessoa que você deseja passar o resto da sua vida*. A2 reproduz, sem que se dê conta, o conceito corrente sobre o relacionamento afetivo e denuncia estar determinada pelo dizer da igreja e da família, o que constitui regularidade deste sub-capítulo de análise. Quando A2 diz que *as pessoas do mundo de hoje não entendem o sentido da palavra namoro*, permite o pressuposto de que esteja se referindo aos relacionamentos atuais com os quais ela não concorda, por considerá-los incoerentes e por permitirem relações sexuais e filhos antes do casamento. A2 enuncia

sob a ilusão de que o pensamento que revela é seu, dizendo *tenho idéia*, mas denuncia, em seu dizer, traços do discurso ideológico-religioso ao qual está assujeitada e que não permite sexo ou filho antes ou fora do casamento, o que se comprova em seus enunciados seguintes sobre sexo e gravidez *o sexo para mim só terá importância depois do casamento* e *Gravidez – a mesma coisa só terá importância depois do casamento*. Pode-se observar, também, que esses dizeres são constituídos de palavras repetidas, já-ditas, alhures, por outros, que são palavras que fazem parte da memória discursiva, e A2 as repete sem saber de sua origem. Ao expor sua opinião sobre a virgindade, refere-se a ela como algo extremamente importante e da qual ela não pode se desfazer antes do casamento. Observe-se que o discurso religioso é marcante e constitui fortemente seu dizer. A2 revela, sob efeito do esquecimento número um, a representação que faz da gravidez antes do casamento como fato que não trará felicidade.

Entretanto, ainda que determinada pelo discurso religioso, admite que, caso isso aconteça, a jovem poderá ser absolvida, se demonstrar arrependimento, porque *Deus perdoa*. Ao enunciar sobre a virgindade, emprega o adjetivo de forma a intensificar seu significado *para mim é importantíssima*, mas, sem se dar conta, denuncia estar suscetível ao tipo de relacionamento atual, com o qual evidenciou anteriormente não concordar, ao manifestar incerteza em seu dizer seguinte, não conseguindo conter a expressão *“creio que até o meu casamento prosseguirei com ela* e, para que isso seja possível, invoca ajuda divina. Note-se o sentido que a apelação divina ocupa no dizer de A2: observando-se o contexto em que ela está inserida - *as pessoas do mundo de hoje não entendem o sentido da palavra “namoro”* –, ela se denuncia como sujeito passível de perder a virgindade, permitindo o pressuposto de que considera tão favoráveis as condições para que isso ocorra que ela necessita da interferência divina. Demonstra, dessa forma, sua fragilidade em manter o que enunciou em seu texto.

O que se observa é que, embora se apresente fortemente determinado pelo discurso da Igreja, ED2 é, tal como ED1, um dizer heterogêneo, uma vez que admite a falibilidade.

A2, tal como A1, revela-se um sujeito heterogêneo, dividido e, por apresentar, como exposto, um discurso marcado pelo dizer da Igreja e da família que a interdita, A2 manifesta-se como sujeito do desejo; ela deseja, mas adia o relacionamento sexual.

Analise-se, em seguida, o ED3 de A3:

### **ED3**

*A3: Minha mãe conversa muito sobre sexo, e ela diz que ainda é muito cedo ter relações sexuais, e eu concordo com ela, e penso que se eu engravidar, só vai atrapalhar a minha vida, tem que ter muita responsabilidade quando se tem um filho, se preocupa com alimentação, escola, babá e etc.*

*Eu tenho namorado, e conversamos muito sobre o nosso relacionamento, e falo para ele, é que está muito cedo para comessarmos as nossas relações sexuais e melhor é ficar no beijo.*

*Eu penso que, o meu corpo ainda não está pronto, ele está em desenvolvimento, por isso não penso que é melhor terminar meus estudos, fazer uma boa faculdade, trabalhar, se casar, e construir minha família, tudo na vida tem o seu momento e para mim, o sexo começa depois do casamento.*

No discurso de A3, assim como ocorreu no de A2 e no de A1, percebem-se entrecruzamentos de duas formações discursivas, a familiar e a religiosa, embora, em seu discurso, perceba-se a força da primeira. Nos enunciados provenientes do dizer da família como *ainda é muito cedo ter relações sexuais* e *ter muita responsabilidade*, A3 parece repetir palavras que se espera que ela diga. A3 revela que mantém diálogo com a mãe a respeito de namoro e de sexualidade, denunciando o quanto o discurso da mãe – do outro - a constitui. A3

pensa ser dona de seu pensamento e de suas palavras, quando, na verdade, sob o esquecimento ideológico número um, reproduz o discurso da mãe que, por sua vez, também se revela interpelada por um discurso sócio-histórico-ideológico.

No parágrafo seguinte, quando relata o que conversa com o namorado, A3 revela o funcionamento do dispositivo da confissão no sentido de ter acesso a um conhecimento sobre si, ao ter sido incitada a falar, a discursivisar sobre a sexualidade pela mãe. Observa-se, na materialidade lingüística do discurso de A3, a reprodução do dizer da Igreja que determina o tempo adequado para o sexo, quando afirma: *tudo na vida tem o seu momento e para mim, o sexo começa depois do casamento*. Até o momento, determinou sua decisão de não manter relações sexuais com o namorado.

No parágrafo subsequente, A3 também denuncia, ainda sob o efeito do esquecimento número um, o discurso da escola sobre orientação sexual, ao afirmar *o meu corpo ainda não está pronto, ele está em desenvolvimento, por isso não penso que é melhor terminar meus estudos*. A afirmação de que o corpo não está pronto, está em desenvolvimento constitui um dizer científico, presente na fala de médicos, um dizer que aparece nas discussões na mídia televisiva, em artigos da mídia impressa e reproduzida nas campanhas educativas.

Essa passagem do ED3 apresenta um acontecimento inesperado. Após afirmar que o corpo não está pronto por meio do uso de uma expressão de valor explicativo diz *não penso que é melhor terminar meus estudos fazer uma boa faculdade, trabalhar, se casar, e construir minha família*. Observe-se o chiste pelo uso do advérbio NÃO que irrompe no dizer de A3, denunciando dizer da ordem do inconsciente, de um saber que está sempre presente e põe em xeque o discurso ideológico relativo à educação e à família.

No quarto parágrafo, A3 revela o que pensa das meninas que se tornam mães prematuramente como imaturas e inconseqüentes, por meio de palavras que reproduzem o “já-dito” socialmente. Suas palavras mostram-se carregadas de sentidos construídos sócio-

historicamente como pensar no futuro, escola, trabalhar para manter o filho. Observa-se que A3 faz uma representação positiva e importante da escola para as meninas e vê como uma perda para elas, caso tenham que deixar de frequentar para *ficar com o filho*.

Trata-se de um discurso constituído por outras vozes, caracterizando, assim, a interdiscursividade.

Percebe-se, ainda, a realização do dispositivo foucaultiano da confissão e da escrita de si detectada por Uyeno (2004) na escrita dos diários virtuais. As menções às outras adolescentes e às suas reflexões são recortadas por conclusões acerca de si que levam à pressuposição de indícios de acesso a um conhecimento sobre si.

Analise-se o excerto ED4 de A4:

#### **ED 4**

*A4: Meus pais, principalmente minha mãe, sempre me aconselham sobre sexo, eles dizem que só se deve fazer sexo após o casamento. Concordo com eles. Para se fazer sexo deve haver responsabilidade na cabeça do homem e da mulher, e os casados, na maioria das vezes, têm essa responsabilidade. Se alguém da minha idade souber que penso assim, acredito que me achariam ridícula. Os adolescentes de hoje são muito liberais: ficam e fazem sexo com qualquer um, só pensam no prazer, não no amor. Não sei se essa minha opinião sempre será a mesma. Essa foi a educação fiquei com alguns meninos, poucos, mas não deixo acontecer nada de mais, só nos beijamos e nos conhecemos. Depois disso conheci uma pessoa maravilhosa, que hoje é meu namorado. Se eu me sentir preparada pode até acontecer alguma coisa sem ter casamento. O que importa é se existe amor de verdade, e eu sei que entre nós existe. Os adolescentes, para seguirem o caminho certo, devem ter o apoio dos pais e devem enxergar a realidade como ela é. E a prevenção é fundamental.*

Observa-se, revelando-se como regularidade discursiva, assim como ocorreu com os discursos A2 e A3, que o dizer de A4 é marcado, fortemente, pelo discurso da família que é interpelado, constituído, por um dizer sócio-histórico. Materializam-se, também, no texto de A4, marcas do dizer da Igreja, determinando, assim como ocorreu no de A3, a afirmação de que o sexo é permitido apenas após o casamento, especificamente, no enunciado *só se deve fazer sexo após o casamento*. A4 pensa ser a fonte de seu dizer, quando afirma *Concordo com eles. Para se fazer sexo deve haver responsabilidade na cabeça do homem e da mulher, e os casados, na maioria das vezes, têm essa responsabilidade*, mas enuncia sob o efeito do esquecimento número um ou sob a ilusão de que esse dizer lhe pertence, quando se constitui pela reprodução de dizeres de outros.

Seu dizer seguinte *Se alguém da minha idade souber que penso assim, acredito que me achariam ridícula* permite entender que A4 se pensa deslocada da opinião predominante e, provavelmente, por essa razão não revelaria seu ponto de vista aos colegas, imaginando que eles a censurariam. Em outras palavras, o julgamento que ela imagina que os colegas fariam dela constitui o discurso de A4 no grupo, remetendo ao imaginário postulado por Pêcheux (1969). Pode-se perceber, ainda, a representação que A4 faz de outros adolescentes como liberais e que mantêm relacionamentos sexuais desvinculados do casamento. Tais palavras caracterizam-se como manifestações interdiscursivas, mais especificamente, revelam evidências de um discurso disseminado pela mídia e por romances (telenovelas), o qual cria um regime de verdade segundo o qual, vive-se um momento em que a ordem do discurso é a desvinculação entre sexo e casamento.

A4 revela-se constituída pelo discurso dos pais, no que diz respeito às suas atitudes num relacionamento afetivo, ao admitir que não pensa como o senso comum. Ela se revela determinada por essa formação recebida da família ao enunciar *mas não deixo acontecer nada de mais*. Também, aqui, o dispositivo foucaultiano da confissão e da escrita se revelam.

Entretanto, em seguida, enuncia uma aparente contradição com relação ao seu dizer anterior e ao admitir a possibilidade de vir a ter um relacionamento sexual sem que se case, ao escrever: *Se eu me sentir preparada pode até acontecer alguma coisa sem ter casamento.* Embora admita essa possibilidade, essa admissão se faz no seu nível mínimo que se marca pela preposição ‘até’ – em até pode acontecer. Não constitui, em verdade, uma contradição no sentido de que tenha associado proposições que se divergem entre si, mas no sentido de que é constitutiva de seu dizer uma vez que ela vive sob uma ordem do discurso não enunciada da liberdade sexual. Revelando-se constituir um sujeito do desejo, em seguida, ela enuncia que o que vai determinar é a existência do amor na relação afetiva. A4 se revela um sujeito, que detém uma imagem sobre si e que agindo de acordo com essa imagem, coloca para si um limite, manifestando-se dentro do princípio do prazer. Não se pode deixar de evocar aqui a economia da escrita de si pela qual ao escrever sobre si exercita o auto adestramento.

Em síntese, assim como os discursos de A2 e A3, o de A4 caracteriza-se um discurso heterogêneo, permeado interdiscursivamente pelos vários “já-ditos”, que remete a um sujeito constitutivamente heterogêneo e, para além dessa heterogeneidade, revela-se um sujeito do desejo do Outro, no sentido que deseja o desejo do outro para si.

Analise-se, a seguir, o ED5 de A5:

### **ED 5**

**A5:** *“Minha prima ficou com um carinha na balada e engravidou”;*

*Bom pra mim, eu quero ser como a minha mãe, quero ter um namorado só e me casar, e só aí que quero tirar a minha virgindade.*

*Em 1º lugar acho ridículo ter filho antes do casamento.*

*2º lugar acho que o sexo não pode ser feito com qualquer um, que você conhece na balada. Não sou de freqüentar balada mas minha prima é um exemplo de que hoje não é preciso amar para fazer sexo.*

*No namoro não penso diferente se as duas pessoas se amam poderiam se casar e depois praticar o sexo.*

...

*Com o sexo na hora de, “ficar” ou até mesmo, com o namorado, vem a conseqüência que é o filho que agora na maioria das vezes é abortado.*

...

*Acho que por isso o sexo, ou tem que ser feito com preservativo ou depois de um bom casamento.*

...

*Alguns dos adolescentes me acham chata e careta, mas é meu modo de pensar esperava que todas pensassem assim mas hoje é diferente. ...*

A5 inicia seu discurso, remetendo ao fato ocorrido com a prima como um testemunho de que a desvinculação entre sexo e amor é corrente entre as adolescentes de sua idade uma vez que elas se relacionam sexualmente em um primeiro encontro. Assim como A2, A3 e A4, A5 menciona a formação familiar e, como A3 e A4 refere-se especialmente à mãe evidenciando sua constituição pelo Outro materno. Revela, ainda, como os demais sujeitos dessa seção de análise, que espera iniciar a vida sexual após o casamento e denuncia a forte referência da mãe em seus planos: *eu quero ser como a minha mãe*. Observe-se como A5 se manifesta em relação ao início da vida sexual *só aí quero tirar a minha virgindade*. Tal qual A2, A5 revela atribuir grande importância à virgindade, como um atributo cuja perda só é admissível no tempo programado que é após o casamento – que denuncia um discurso

oriundo da formação discursiva religiosa e indica o controle do sujeito sobre o próprio corpo pela via do outro. Manifesta-se contra filhos antes do casamento e contra relacionamentos momentâneos e volúveis, dizer que tem origem na formação discursiva da família. Reporta-se ao caso da prima como exemplo de que, nos relacionamentos atuais, é comum que os parceiros não considerem o amor e, sim, o sexo, ou seja, priorizam o prazer, em detrimento do sentimento, revelação esta também encontrada no discurso de A4 e que reforça a evidência do discurso da mídia e de novelas na constituição das adolescentes.

No enunciado seguinte, confirma sua posição, dizendo que, se os parceiros realmente se amam, podem se casar e somente, então, ter relações sexuais. A5 admite a possibilidade da gravidez tanto num relacionamento de momento ‘ficar’ como num relacionamento mais duradouro ‘namoro’; menciona, ainda, a prática freqüente do aborto, fato que, para se evitar, A5 aconselha *um bom casamento*, um dizer da sociedade, e como tal, interdiscursivo, ou o uso do preservativo, um dizer das campanhas de orientação sexual. Perceba-se, ainda, nesse enunciado de A5, que, inicialmente, ela evidencia, em seu discurso, que quer iniciar sua vida sexual somente após o casamento; no final do texto, porém, quando escreve *Acho que por isso o sexo, ou tem que ser feito com preservativo ou...*, A5 denuncia que admite a possibilidade da atividade sexual antes do matrimônio, revelando a heterogeneidade de que é constituída.

Seu último enunciado *Alguns dos adolescentes me acham chata e careta* é determinado pela imagem que faz dos outros adolescentes em relação a ela, ou seja, assim como A4, A5 também se sente marginalizada pelo grupo, no que diz respeito à posição que assume.

Essa marginalização admitida, entretanto, não se revela, no discurso de A5, ter predomínio sobre suas ações, revelando-a um sujeito que, a despeito de um discurso corrente de descartabilidade do outro e de si, é fiel à imagem que constrói sobre si.

Mais especificamente, A5 enuncia um discurso heterogêneo, constituído de dizeres de memória discursiva que é invadida por dizeres do momento sócio-histórico em que vive o que

remete a um sujeito constitutivamente heterogêneo, e seu discurso revela um sujeito do desejo, que deseja o desejo do Outro, que se coloca um limite, retarda o gozo e não se deixa arrebatar pela demanda própria do momento pós-moderno.

Percebe-se, nela, também, os dispositivos foucaultianos da confissão e de escrita de si, que lhe permitem um acesso ao conhecimento de si.

Este sub-capítulo de análise que se encerra neste ponto da dissertação leva à conclusão de que o discurso dessas adolescentes, embora se apresente fortemente marcado pelo que se espera de meninas assujeitadas às formações discursivas da igreja e da família, não conseguem conter um discurso contemporâneo de liberdade, revelando um discurso heterogêneo que remete a um sujeito constitutivamente heterogêneo.

Observando-se as regularidades discursivas apresentadas, a saber, sobre o sexo permitido após o casamento, responsabilidade, importância de manter-se virgem, constitutivas dos enunciados dos sujeitos analisados, pode-se comprovar o assujeitamento a uma ideologia religiosa que constitui os seus discursos e, dessa forma, agem como sujeitos que servem a mecanismos de reprodução desse assujeitamento ideológico de que fala Pêcheux (1975). Esses sujeitos adolescentes deixam perceber o quanto são constituídos por essas formações social, familiar e religiosa, revelando a dimensão da interpelação ideológica a que estão sujeitos e se manifesta em seu discurso.

A análise dos excertos que compõem este item de análise revelou um discurso heterogêneo, composto de dizeres de várias formações discursivas – família, igreja, mídia – entrecortados pela ordem do discurso vigente sobre a sexualidade, discurso esse que remete a um sujeito constitutivamente heterogêneo e cindido.

Permite, ainda, a conclusão de que essas adolescentes se constituem como sujeitos do desejo, uma vez que detém uma imagem sobre si, têm expectativas, adiam o gozo, revelando-se sujeito do desejo do Outro.

Também se observa o mecanismo da confissão, do qual fala Foucault, como elemento produtor de verdades sobre si, na medida em que promove um exame de si mesmo, o que pode ter efeitos sobre as escolhas das adolescentes.

### 2.3 Diários e sujeitos do gozo

Este sub-capítulo de análise de corpus constitui-se dos enunciados das alunas pesquisadas, cujo conteúdo apresentou regularidades discursivas que diferiam das apresentadas no item de análise anterior.

Analisem-se, assim, os excertos de diários das alunas de oitava série transcritos a seguir:

Analise-se o ED6 de A6:

#### **ED6**

*A6: É muito errado, meus pais não deixar eu namorar, mas uma coisa certa que eles fazem, é me proteger, do mundo lá fora.(...)  
Tenho um namorado que é carinhoso e bonito, e gosta de mim, do mesmo jeito que eu gosto dele. E nosso relacionamento tem muito amor e confiança, principalmente respeito. (...)  
Tenho muita vontade de perder minha virgindade, pos assim ganharei minha liberdade.*

A6 inicia seu enunciado, criticando a atitude dos pais que não permitem que ela namore; logo em seguida, contudo, mostra-se dividida, ao enunciar aprovar a proteção deles.

Observe-se, no enunciado seguinte, que ela revela ter um namorado, permitindo a inferência de que mantém o relacionamento afetivo sem a permissão dos pais e, assim, denuncia que a proibição imposta pela família não é suficientemente contundente a ponto de interditá-la. A6 revela valorizar o amor, a confiança e o respeito, reproduzindo um dizer sócio-histórico que evidencia um discurso internalizado o qual revela a ilusão adâmica ou o esquecimento número um de que fala Pêcheux e Fuchs, em que o sujeito tem a ilusão de que são suas as palavras, quando, na verdade, ele enuncia ideologicamente assujeitado a uma formação discursiva instituída socialmente. Refere-se, conferindo maior importância ao respeito “*principalmente respeito*”, permitindo a inferência de que o jovem casal mantém um relacionamento de acordo com a conduta aceita pela sociedade como um namoro de respeito - interpelação ideológica - e que eles não mantêm relações sexuais, o que se confirma em seu dizer *tenho muita vontade de perder minha virgindade*, do qual se reconstrói o silogismo clássico de que, se ela quer perder a virgindade, é porque ainda a mantém. Note-se, ainda, que A6 coloca como causa para querer perder a virgindade a obtenção da liberdade. Essa liberdade à qual ela se refere, parece remeter ao seu enunciado inicial *É muito errado, meus pais não deixar eu namorar*, referindo-se às interdições dos pais.

Em seu enunciado *tenho muita vontade de perder minha virgindade, pois assim ganharei minha liberdade*, A6, ao atribuir à suposição de obtenção de liberdade, pelo uso das conjunções causal e consecutiva “pois” e “assim” (sob as quais se lêem “porque” e “conseqüentemente”), a causa para querer perder a virgindade, revela-se um sujeito não mais do desejo como as autoras dos diários da seção de análise anterior.

A6, embora mencione que o seu relacionamento afetivo é constituído de amor, confiança e respeito, a assertividade com que enuncia que quer perder a virgindade para obter liberdade, denuncia-a como um sujeito que se oferece como objeto de desejo do Outro e, revela-se não se imaginarizar, não ter uma imagem de si, tendendo perigosamente para se

constituir como sujeito do gozo. Embora o desejo não deixe de existir, note-se como prevalece o gozo.

Se as adolescentes cujos discursos foram analisados no item anterior revelaram-se constituídas pelos discursos dos pais sobre elas e se estruturaram como sujeitos do desejo, A6 embora admita concordar com os desejos dos pais sobre si, parece não se conformar, isto é, não se imaginarizar e se colocar como objeto pulsional do namorado, por ordem de um saber que não cessa de se manifestar e sobre o qual A6 não tem controle.

Analise-se, em seguida, o ED7 de A7.

### **ED7**

*A7: Diário, hoje é o 1º dia que escrevo em você, então vou falar um pouco sobre eu e meu namorado.*

*Eu gosto muito dele e seu nome é ..., estamos juntos a um ano e estou muito feliz com ele. ...*

*e tivemos uma linda noite de amor, ele nunca me forçou a fazer nada, quando tive minha primeira vez foi porque eu quis e sempre fazemos com preservativo!*

*Ele me respeita e aceita minhas condições.*

*Eu amo ele.*

*Bjos até amanhã.*

Ao descrever sua relação afetiva com o namorado, A7 diz *eu gosto muito dele e eu amo ele* e, ao se referir ao sentimento dele por ela, diz *ele me respeita e aceita minhas condições*. Seu enunciado permite a inferência de que ela considera suficiente, numa relação afetiva, que ela ame o namorado e que ele a respeite. Para melhor analisar essa colocação de

A7, buscou-se no dicionário a diferença de sentidos atribuída às palavras amor e respeito. Dentre os muitos significados encontrados, selecionaram-se os que melhor se adequam a esse contexto. Conforme Houaiss (2001, ps. 193 e 2439), amor tem o sentido de: atração afetiva ou física, forte afeição por outra pessoa, atração baseada no desejo sexual, afeição e ternura sentida por amantes, relação amorosa, caso, namoro, afeição baseada em admiração, forte afinidade; respeito tem o sentido de: sentimento que leva alguém a tratar outrem ou alguma coisa com grande atenção, consideração, reverência, obediência, acatamento, estima ou consideração que se demonstra por alguém. Sabendo-se que, em nossa cultura, amor e respeito representam sentimentos distintos e que, num relacionamento afetivo, o amor é considerado sentimento ideal no sentido de objeto do plano abstrato, percebe-se, no enunciado de A7, que ela nem faz menção aos sentimentos do namorado por ela.

Observe-se, ainda, o efeito de sentido da expressão *estou muito feliz* no dizer de A7: *estou muito feliz* é determinado por *estamos juntos*, ou seja, a felicidade, para ela, é produzida pelo fato de ter o namorado ao seu lado, denunciando o desejo do amor do Outro. A7 atribui certa relevância ao respeito do namorado por ela, o que pode ser entendido como um dizer sócio-histórico, discurso estabelecido principalmente após o movimento feminista.

Ao fazer menção, em seguida, sobre seu primeiro relacionamento sexual com o namorado, A7 revela o sentido do sexo para ela: *uma linda noite de amor*. Confessa que tudo acontece com o consentimento dela, inclusive quando houve a primeira vez. Assim como A8 que afirma a possibilidade de “se engravidar”, isto é, com o consentimento dela, A7 também concorda com as relações sexuais.

Do mesmo modo que A8, A7 reproduz em seu discurso dizeres instituídos pela mídia: *minha primeira vez e noite de amor*, revelando assim, o papel desse veículo na subjetivação das adolescentes. Observe-se, ainda, traço do discurso sobre orientação sexual, conduzida na escola, na expressão *sempre fazemos com preservativo*, traço esse que, assim como as marcas

deixadas pela mídia, permite a conclusão da heterogeneidade constitutiva de seu discurso que remete a um sujeito constitutivamente heterogêneo. Não se pode deixar de pensar que as informações sobre as precauções em relação à gravidez precoce e contaminação por DST em lugar de produzir o efeito, em certa medida, disciplinador, produz o efeito de incitá-lo. Quaisquer que tenham sido as motivações, A7 revela-se um sujeito do gozo, não respeitando o seu corpo e nem o do namorado, exigindo satisfação imediata de suas demandas.

Analise-se o ED8 de A8:

### **ED8**

*A8: Na minha vida o namoro é uma coisa normal ainda mais na adolescência porque os adolescentes sentem mais amor.*

*Agora no sexo já é uma coisa importante para quem casa e tem bastante amor agora na adolescência os meninos só que fazer a cabeça das meninas porisso elas engravidam fácil porque elas só querem que os meninos não deixem de gostar delas.*

*Olha na minha primeira vez não fiquei grávida porque eu ainda era uma menininha mas se fosse nesse tempo eu já teria me engravidado.*

...

Após referir-se ao namoro como um procedimento social natural, A8 prossegue a redação de seu diário para argumentar em favor do seu ponto de vista, faz o uso da expressão *ainda mais na adolescência*, cuja pressuposição é de que o namoro, para além de ser natural em qualquer fase da vida, é mais natural na adolescência. Essa atribuição do caráter mais

natural ao namoro na adolescência é argumentada por meio de uma causa: *porque os adolescentes sentem mais amor*.

Evidencia-se, nessa passagem, que A8 enuncia sob a ilusão de que a atribuição de naturalidade do amor lhe pertence, quando, na verdade, repete um dizer interdiscursivo, isto é, um dizer que pré-existe na história, que circula na sociedade, já que, sendo adolescente, não teria parâmetros de comparação para afirmar que *os adolescentes sentem mais amor*.

Ao enunciar, em seguida, que, *na adolescência os meninos só que* (leia-se querem) *fazer a cabeça das meninas porisso elas engravidam fácil porque elas só querem que os meninos não deixem de gostar delas*, A8 revela atribuir aos meninos o papel de detentor do poder de estabelecimento das regras para o relacionamento afetivo. Assim, atribui como “causa” para a gravidez na adolescência a submissão às imposições dos meninos, justificando essa submissão à suposição de que os meninos *não deixem de gostar delas*. Observe-se o efeito de sentido de *gostar*, no enunciado de A8. Não se trata propriamente do sentido corrente que se tem de *gostar*: ter apreço por alguém. Para que os meninos *não deixem de gostar delas* significa “para que os meninos não as deixem”. Para além desse dizer de natureza interdiscursiva, não se pode deixar de notar um dizer de natureza psicanalítica do desejo do amor do Outro.

Quando, ao prosseguir em sua tarefa de redigir o diário e afirmar *Olha na minha primeira vez*, deixa perceber que incorre em um chiste, isto é, não percebe que até então vinha se referindo às meninas e passa a falar de si: não se trata mais das amigas, mas dela, A8, que não engravidou porque não estava biologicamente amadurecida para tal. Nessa “digressão”, para se auto-analisar, deixa perceber que age determinada pelo amor do Outro. A8 deseja, em verdade, o amor do Outro, isto é, o amor que ela deseja que o namorado sinta por ela e engravida para manter esse amor. Ao submeter o corpo às demandas do desejo a esse ponto

parece revelar que A8 é determinada por uma determinação da ordem do saber é, como tal, do inconsciente sobre o qual ela não tem domínio.

Trata-se, na verdade, dela que atende à demanda do namorado para que ele não deixe de gostar dela (leia-se para que ele não a deixe).

Observe-se, ainda, no emprego da expressão *minha primeira vez*, a denúncia de um dizer difundido e instituído pela mídia e que também leva à pressuposição de que ela se relaciona sexualmente com os namorados.

A regularidade discursiva de enunciados constitutivamente heterogêneos que remete a um sujeito heterogêneo se ratifica, como se pode observar no ED9 de A9.

### **ED9**

*A9: Um namoro é muito bom, mas para as meninas de hoje em dia querem engravidar somente para empregar seus namorados, mesmo sabendo que a dificuldade existe entre elas, por isso elas deveria usar os medicamentos que conhecem.*

*Pois vem chegando os dias dos namorados, pois um presente que muitas meninas de 15 anos querem dar para seus amor é um filho, ter um namorado não significa ter um filho.*

...

*Gravidez nem sempre é a melhor coisa do mundo, pois nem todos os namorados querem um filho de presente ...*

Já no início de seu diário, A9, ao dizer que *Um namoro é muito bom*, revela que, embora tenha apenas 13 anos, o namorado faz parte de suas preocupações. A9 reporta-se às meninas de hoje como se ela não o fosse; emprega um dizer já instituído socialmente *as meninas de hoje em dia* revelando um imaginário produzido pelo tipo de sociedade em que

vive. A9, assim como A8, descreve os namoros atuais e diz que as meninas engravidam para impressionar o namorado, mantê-lo ao seu lado, mas ela mostra-se contrária a essa atitude afirmando que *ter um namorado não significa ter um filho*. A representação que ela faz desses namoros é de um relacionamento movido apenas pelo sexo que não atribui relevância ao sentimento. Denuncia ainda que as meninas intencionalmente possibilitam a gravidez para garantir a manutenção da relação.

Note-se que é forte, no discurso de A9, a referência à conduta de outras adolescentes, revelando sua percepção sobre um contexto social do qual ela tem conhecimento.

Embora A9 enuncie discordar do comportamento das demais meninas no que se refere à gravidez, ela acaba revelando que admite a possibilidade de que a gravidez possa ser a melhor coisa do mundo, ao afirmar que *nem sempre é a melhor coisa do mundo*: a expressão temporal de caráter modalizador leva à pressuposição de que “às vezes” é a melhor coisa do mundo. Também, ao dizer que *nem todos os namorados querem um filho de presente*, admite acreditar que alguns o querem.

Assim, o efeito de sentido de sexualidade na adolescência para A9 é de que as meninas se relacionam sexualmente e, apesar de conhecerem os métodos contraceptivos, não os usam, porque desejam engravidar para ‘impressionar’ o namorado, como já exposto; para manter o relacionamento, assim como foi observado também no enunciado de A8. É possível se pensar que ela repete um dizer sócio-histórico de que os meninos eram obrigados a se casarem com as meninas se elas se engravidassem e esse é o efeito de sentido de gravidez precoce para A9.

Como se pode observar, se, por um lado, A9 emprega expressões já instituídas socialmente *as meninas de hoje em dia, sabendo que a dificuldade*, e condena a atitude das colegas que se engravidam para manter os namorados, por outro lado, deixa escapar o sentido

de que não tem tanta certeza de que engravidar seja mal, revelando um discurso polifônico, heterogêneo que remete a um sujeito dividido cindido.

Dirija-se um olhar analítico ao ED10 de A10:

### **ED10**

*A10: Querido diário: hoje meu dia foi perfeito encontrei o junior foi ótimo ele perguntou por mim ficamos conversando quase o dia todo.*

...

*O pior de tudo é que eu sei que ele é um “galinha” ..., tem vez que parece que ele gosta de mim mas tem vez que só quer cortar comigo às vezes eu quero terminar com ele mas é impossível já estou apaixonada.*

*escrito por: a garota apaixonada.*

Observe-se como A10 caracteriza o seu dia como perfeito por ter encontrado o Júnior e ter conversado com ele. A10 enuncia sentir-se atraída pelo garoto, desejando intensamente um contato com ele, mesmo que seja uma simples conversa e mantém esse interesse mesmo sabendo sobre outros relacionamentos do menino como revela com o dizer *O pior de tudo é que eu sei que ele é um galinha*. Contudo, submete-se às condições oferecidas pelo Júnior: uma conversa ou um encontro bastariam. Menciona, vagamente, importar-se com o sentimento do garoto por ela ao enunciar *tem vez que parece que ele gosta de mim mas tem vez que só quer cortar comigo*.

Ao escrever, em seguida, sem pontuar, como se estivesse reproduzindo o fluxo do pensamento *às vezes eu quero terminar com ele mas é impossível já estou apaixonada*, revela oferecer-se como objeto do desejo do Outro. A10 revela reconhecer que teme não ser correspondida em seus sentimentos, mas aceita, submete-se, e não se basta em desejar o desejo do Outro, oferece-se como objeto pulsional do desejo do outro e, ao fazê-lo, coloca-se para além do prazer, configurando-se como sujeito do gozo.

Focalize-se, desta vez, o ED11 de A11:

### **ED11**

**A11:** *...nossa ontem foi perfeito eu fiquei com ele e hoje eu vou me encontrar de novo com ele vou beijar muito aproveitar muuuuuito e ser feliz mas não passar dos limites.*

*Mesmo eu sabendo que ele é um galinha eu estou apaixonada por ele e quero que ele pessa para ficar com migo de novo porque?*

*É muito bom beijar e ser feliz com quem agente gosta e eu amo ele e ele disse que queria falar comigo e eu estou anciosicima.*

A11 inicia seu registro no diário, relatando os acontecimentos que faz do dia anterior: *foi perfeito*. Perceba-se que a caracterização do dia como perfeito, ou seja, um dia impecável, completo, deve-se ao fato de A11 ter conseguido, mesmo que por alguns momentos, usufruir da companhia do garoto de seu interesse.

Ao se referir a um contato mais íntimo, A11 emprega a expressão divulgada pela mídia *beijar muito aproveitar muuuuuito*, reproduzindo palavras já-ditas e que fazem sentido para ela. Reproduz, também, sob efeito do esquecimento número um, um dizer da família que

impõe limites às carícias não permitindo *passar dos limites*. Não há como negar que ela enuncia sob o imaginário, por escrever um diário a ser lido pela professora.

Ao dizer *mesmo eu sabendo que ele é um galinha*, A11 revela reconhecer que o garoto se relaciona com outras meninas, mas manifesta estar apaixonada por ele, mesmo nessas condições: *eu estou apaixonada por ele*. Considerando a tradição monogâmica da sociedade na qual A11 está inserida, deflagra-se a não suficiência do desejo pelo desejo do outro que se manifesta em seu dizer *quero que ele pessa para ficar com migo de novo*. Mesmo sabendo que ficar representa um relacionamento passageiro, ela revela para além do desejar o desejo do Outro. Em seu dizer *é mutio bom beijar e ser feliz com quem agente gosta*, revela-se um sujeito do gozo que se alterna com o sujeito do desejo que enuncia *ele disse que queria falar comigo e eu estou anciosicima*.

O efeito de sentido de relação afetiva, no discurso de A11, é um relacionamento no qual são considerados ou priorizados os sentimentos dela, assim como A7 gostar, amor, paixão, felicidade, ansiedade; os sentimentos dele não são considerados, isto é, ela não se importa com o desejo do Outro. Em nenhum momento, o enunciado de A11 permite a inferência de que ela atribui importância também ao sentimento do menino por ela: para ela estar feliz basta que ele queira ‘falar’ ou ‘ficar’ com ela, mesmo que por alguns instantes.

Reproduz, ainda, dizeres divulgados pela mídia e dizeres do grupo *aproveitar muito, ser feliz com quem a gente gosta, ele é galinha*, pois as palavras são, sempre e inevitavelmente, “as palavras dos outros” como afirma Revuz (1990, p. 26), revelando a heterogeneidade de que lhe é constitutiva.

Nos dizeres recortados e apresentados acima, pode-se perceber que, os sujeitos pesquisados não sublimam, não têm uma imagem de si, não têm o discurso religioso ou familiar sobre si e que poderia interdita-las; apresentam-se não se satisfazerem como desejantes do desejo do Outro e se caracterizam como sujeito do gozo.

Sem conseguir conter a afluência de dizeres que lhes escapam da ordem de um saber e como tal do inconsciente, revelam compartilhar ou querer compartilhar das atitudes das meninas que elas criticam. Esses enunciados remetem a sujeitos constitutivamente heterogêneos divididos entre namorarem como se fazia antigamente e “ficarem”, isto é, submeterem-se a relacionamentos sem compromisso determinados, entre outros (mídia), pelos meninos que se revelam sujeitos líquidos (que não assumem compromissos). As adolescentes manifestam uma anulação de si, oferecendo-se como objeto pulsional do desejo do Outro, constituindo-se sujeito do gozo, no sentido de não se imaginarizarem, não saberem esperar, revelando-se conformadas pelos valores pós-modernos.

## Considerações finais

Resgate-se o ponto inicial desta pesquisa que se instaurou em razão da observação da continuidade dos casos de gravidez na adolescência em tão alto índice, apesar de toda informação hoje disponível e apesar das informações formalmente oferecidas a alunas dos anos finais do nível de ensino fundamental e iniciais do nível de ensino médio como tema transversal sugerido pelos PCN.

Durante o percurso anterior ao do empreendimento da pesquisa, atentou-se para diversas divulgações na mídia televisiva e escrita em que eram atribuídos diversos fatores como causa da gravidez precoce. Entre esses fatores encontram-se a desestrutura familiar, a ineficácia dos projetos escolares, a mídia e a imagem de liberação sexual, entre outros.

Com a proposta de conciliar essa investigação com o desenvolvimento da escrita na oitava série, desenvolveu-se a atividade com o gênero diário em que as meninas registraram informações sobre seu cotidiano e sobre si.

A análise do corpus de pesquisa constituído de regularidades discursivas, isto é, de dizeres que se repetiam, em diários, quando as adolescentes de 8ª série do nível de ensino fundamental e de primeiro ano do nível de ensino médio se referiam à sexualidade, comprovou a hipótese da qual se partiu de que uma parcela das alunas são impulsionadas pela necessidade de satisfação imediata de seus desejos.

Mais especificamente, distinguiram-se duas categorias de análise, a saber: sujeito do desejo e sujeito do gozo. Analisadas as regularidades discursivas, evidenciaram-se discursos heterogêneos constituídos historicamente e discursos marcados pela pós-modernidade.

As alunas que se revelaram como sujeitos do desejo apresentaram-se como sujeitos que possuem uma imagem de si, imagem esta construída pela família, pela sociedade e pela Igreja. São sujeitos que se manifestam interpeladas ideologicamente, dizendo o que se espera que

elas digam, mas denunciam estarem à deriva, divididas entre o que dizem a família e a Igreja, por um lado, e os amigos e a mídia, do outro. Não concordam com as atitudes liberais de algumas colegas, mas admitem a possibilidade de assumi-las; são instigadas pela mídia que se utiliza da estrutura do sujeito para dominá-lo e vivem num momento sócio-histórico que as assujeita. São sujeitos que se embatem e se alienam. As meninas desejam o desejo do menino por elas, mas adiam, em razão do discurso ao qual estão assujeitadas. Considerando-se a teoria lacaniana da fase do espelho, pode-se fazer uma analogia: ao ser constituída pelo dizer da família e da Igreja, a menina constrói a sua imagem ideal, isto é, ela se vê, se reflete e se concebe de acordo com o desejo dos pais sobre si e, a partir dessa imagem, estrutura sua vida.

Os resultados das análises do discurso revelaram, além de sujeitos do desejo, sujeitos do gozo: sujeitos que não se interditam, não se barram e vão além do princípio do prazer.

Os resultados da análise parecem indicar que um tipo de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas e os indivíduos. A própria sociedade contemporânea não impõe limites e incita o sujeito a aspirar por uma satisfação imediata de seus anseios, o que o impede, muitas vezes, de se imaginarizar e de desejar. A sociedade contemporânea é altamente permissiva, mas também traz conseqüências. A mídia ataca com discursos de promessas de felicidade rápida e de que o sujeito não precisa sofrer, não instiga a produção do desejo e constrói sujeitos do gozo.

As meninas que se revelaram como sujeitos do gozo, não apresentaram, em seus diários, os discursos dos pais sobre elas e apresentaram-se como adolescentes seduzidas por esse discurso de satisfação imediata, daí não se imaginarizaram e, conseqüentemente, não adiam o gozo; na ansiedade de conseguirem rapidamente o que desejam, não se interditam. Elas se oferecem como objetos pulsionais do desejo do outro, caracterizando-se como sujeitos do gozo e, como tais, ignoram os riscos que correm como a AIDS ou a gravidez precoce.

Para concluir, este trabalho espera, além de ter proposto desenvolvimento da escrita por meio de um gênero atrativo ao adolescente, ter dado voz a sujeitos que mais são falados do que falam sobre si e ter contribuído para suscitar uma reflexão sobre o sujeito psicanalítico que a pós-modernidade faz surgir e sobre os desafios a serem enfrentados.

Com o que foi exposto é possível considerar que não é somente pela via da informação que as instituições vão garantir que se atinjam os objetivos relacionados à prevenção da gravidez precoce. Atualmente, não há como negar a permissividade geral e fortes fatores como o discurso sedutor da mídia e do grupo que provocam mudanças de comportamento, uma vez que assediam as jovens e acenam com um discurso liberal e inconseqüente. A adolescente, contudo, deve se responsabilizar por suas atitudes e seus dizeres, pois o simbólico cruza o real que se apresenta no corpo com a gravidez ou mesmo uma DST. As instituições têm como desafio descobrir outros projetos possíveis. Lembrando o exposto na LDB de que a educação é função do Estado e da família, ela precisa fazer cumprir seu papel; à escola cabe promover a aproximação da família e a ambas cabe a incumbência de trabalhar em parceria.

## Referências

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*. 2. ed. (Trad.) Walter J. Evangelista e Maria L. V. de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline (1990). Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de estudos lingüísticos*, 1990.

BATTAGLIA, L. A estrutura do psiquismo: Lacan identificou na neurose, na psicose e na perversão três modalidades distintas de “falta” que determinam as formas de defesa contra o gozo do Outro. *Viver Mente & Cérebro: coleção da Psicanálise*, São Paulo. Edição especial: Lacan, a lógica do sujeito; n. 4, p. 14-21.

BAUMAN, Z. O mal-estar da pós-modernidade. Tradução: Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BIRMAN, J. O Sujeito desejanter na contemporaneidade. In. *Análise do Discurso no Brasil, mapeando conceitos, confrontando limites*. FERRERIRA, Maria Cristina e INDURSKY, Freda. São Carlos: Editora Claraluz, 2007.

BOROSSA, J. Histeria. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Ediouro; São Paulo: Segmento-Duetto, 2005. *Conceitos da Psicanálise*, v. 17.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. São Paulo: Unicamp, 2001.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHAVES, W. C. *A determinação do sujeito em Lacan: da reintrodução na Psiquiatria à subversão do sujeito*. São Carlos: EdUFSCar, 2005.

CORACINI, M. J. R. F. Entre a escrita escolar e a escrita de si. In: SILVA, E. R. (Org.) *Texto e Ensino*. Cabral, Taubaté, SP, 2002.

\_\_\_\_\_. Aula de leitura: um jogo de ilusões. In: CORACINI, M.J. (Org.). *O jogo discursivo na aula de leitura*. Campinas: Pontes, 1995.

CORACINI, M.J. Subjetividade e Identidade do(a) Professor(a) de Português. In: \_\_\_\_\_. *Identidade e Discurso*. Campinas: Unicamp; Chapecó: Argos, 2003. p. 239-255.

\_\_\_\_\_. A produção textual em sala de aula e a identidade do autor. In: \_\_\_\_\_. *Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático*. Campinas: Pontes, 1999. p. 167-175.

ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 80 p.

FERNANDES, C. A; SANTOS, J. B. C. (Orgs.). *Análise do discurso: unidade e dispersão*. Uberlândia: EntreMeios, 2004.

\_\_\_\_\_. C. A. O Sujeito Discursivo: sujeito, polifonia, heterogeneidade. In: *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. 2 ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FINK, B. *O Sujeito Lacaniano; entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *Ditos e escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. Michel. *História da Sexualidade 1*. 16. ed. Rio da Janeiro: Graal, 2005.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 288 p.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GADET, F; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

GHIRALDELO, C. M. Leitura, subjetividade e singularidade. In: PASCHOAL-LIMA, R. C. de C. (Org.). *Leitura: múltiplos olhares*. Campinas, SP: Mercado das Letras; São João da Boa Vista, SP: Unifeob, 2005. p. 203-218.

GREGOLIN, M. R. *Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004.

HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A,2005.

HOUAISS, A.;VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. CIDADE??: Contexto, 1997.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. (Org.) *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994.

LEITE, M. P. S. *A negação da falta: cinco seminários sobre Lacan para analistas kleinianos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

LESOURD, S. *A construção adolescente no laço social*. Petrópolis: Vozes, 2004.

MACHADO, A. R. *O diário de Leituras: a introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.p. 3-53.

MACHADO. R. *Por uma genealogia do poder*. In: FOUCAULT.Michel. *Microfísica do Poder*. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006. 295 p.

MASCIA, M.A.A. *Investigações Discursivas na Pós-Modernidade*. Campinas: Mercado de Letras. São Paulo: Fapesp, 2002.

MORONI, A.S.. A edição de diários íntimos e o caso de Anne Frank. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <<http://sec.adaltech.com.br/intercom/2005/resumos/R0936-1.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2007. Disponível resumo em: <http://hdl.handle.net/1904/17546>. Acesso em 28 set. 2007.

MALDIDIER, D. A Inquietação do Discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Tradução: Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes. 2003.

MILNER, Jean Claude. O Amor da Língua. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes. 2005.

PACHECO, O.M.C.A. *Sujeito e singularidade: ensaio sobre a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PCN, Parâmetros Curriculares Nacionais. Temas transversais Orientação Sexual.

PÊCHEUX, Michel. *Análise Automática do discurso*. In: GADET, F e HAK, T. (Org.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997. p. 61-105.

\_\_\_\_\_. *A análise de discurso: três épocas (1983)*. In: GADET, F e HAK, T. (Org.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997. p. 311-318.

PEREIRA, J. R.; WERLANG, L.M.S. *Blog: A heterogeneidade do sujeito contemporâneo*. Taubaté, 2004. 77 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade de Taubaté.

ROMERO, T. Revista Claritas, v. 10, no.1, 2004 – PUC-SP

SARGENTINI, V. M. O. *A Construção da Análise do Discurso: Percorso Histórico*. Revista Brasileira de Letras, v.1, n.1, p.39-44, 1999.

TEIXEIRA, M. Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

UYENO, E.Y. “Blog”: o efeito terapêutico como economia do dispositivo confessional. In: Seminário Internacional Foucault, perspectivas. Clicdata Multimídia Ltda. Florianópolis, SC, 2004.

\_\_\_\_\_. *Jogos Imaginários: uma análise de cursos de atualização do professor de LE*. São Paulo: 2006.

\_\_\_\_\_. *Escrita virtual e subjetividade: uma teleologia ascética*. Anais da Abralin, 2005.

\_\_\_\_\_. O mal-estar da escrita: para além do letramento acadêmico, um desejo do Outro.  
2007